

**MARCELO FERNANDO LEITE BRAGA**

**OS USOS SOCIAIS DO CORPO NA “PRAIA CARIOCA DO PEPÊ”**

**RIO DE JANEIRO**

**MARÇO DE 2010**

**FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV**

**MARCELO FERNANDO LEITE BRAGA**

**OS USOS SOCIAIS DO CORPO NA “PRAIA CARIOCA DO PEPÊ”**

Fundação Getúlio Vargas

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC

Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais - PPHPBC

Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais

Dissertação de Mestrado

Orientadora: Profa. Dra. Helena Maria Bousquet Bomeny

**Rio de Janeiro**

**2010**

**Braga, Marcelo Fernando Leite**

**Os Usos Sociais do Corpo na Praia Carioca do Pepê / Marcelo Fernando Leite  
Braga – 2010.**

**96 f.**

**Dissertação (Mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História  
Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História política e  
Bens Culturais.**

**Orientadora: Helena Maria Bousquet Bomeny.**

**Inclui Bibliografia**

**FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS**  
**CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA**  
**CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS**  
**CULTURAIS – PPHBC**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

**OS USOS SOCIAIS DO CORPO NA “PRAIA CARIOCA DO PEPÊ”**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR**  
**MARCELO FERNANDO LEITE BRAGA**

**E APROVADA EM \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_**

**PELA BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Helena Maria Bousquet Bomeny – Doutora em Sociologia

---

Profa. Dra. Bianca Freire-Medeiros – Pós-Doutora em Turismo

---

Profa. Dra. Gisele Silva Araújo – Doutora em Sociologia



(...) *“São os artistas – aliás os únicos em condições de transformar sua arte de viver em uma das belas artes”.*

*Pierre Bourdieu*

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FOTOS.....</b>	<b>6</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>7</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>8</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>9</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I - A REPRESENTAÇÃO DO CORPO COMO INTERESSE DE PESQUISA.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO II - OS USOS SOCIAIS DO CORPO: UMA BREVE REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO III - A CIDADE PRAIEIRA: ESTILO DE VIDA E USOS DO CORPO NA CULTURA CARIOCA .....</b>	<b>36</b>
3.1 A “Praia do Pepê”: Quando o Templo é o Corpo.....	42
3.1.1 Histórico.....	42
3.1.2 Uma Praia e Seus Personagens.....	44
3.1.3 Conversando com “Seu Sarney” da Barraquinha de Bebidas na Areia da “Praia do Pepê” (Informante 1) .....	51
3.1.4 Thelma Cécio, Empresária, Presidente da “Lift Brazil” de Marketing Promocional e dona de uma Franquia da “Spoletto”, Casa de Massas, no Centro da Cidade do Rio (Informante 2).....	52
3.2 Com a Palavra, Os Usuários.....	53
3.3 Interpretação dos Resultados.....	57
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>64</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS .....</b>	<b>73</b>
<b>ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>74</b>
<b>ANEXO 2 - ENTREVISTAS REALIZADAS NA “PRAIA DO PEPE” .....</b>	<b>76</b>

## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 1 – Símbolo da “Praia do Pepê” .....</b>	<b>42</b>
<b>Foto 2 – Calçadão e quiosque do Pepê .....</b>	<b>43</b>
<b>Foto 3 – Bicicletário da Praia do Pepê .....</b>	<b>43</b>
<b>Foto 4 – Praia do Pepê completamente lotada .....</b>	<b>44</b>
<b>Foto 5 – Futebol dos “Sarados” .....</b>	<b>44</b>
<b>Foto 6 – Estacionamento de motos .....</b>	<b>45</b>
<b>Foto 7 – Wind-Surf na Praia do Pepê .....</b>	<b>46</b>
<b>Foto 8 – Parapente na Praia do Pepê .....</b>	<b>46</b>
<b>Foto 9 – Vendedor de óculos na Praia do Pepê .....</b>	<b>46</b>
<b>Foto 10 – Vendedor de redes na Praia do Pepê .....</b>	<b>47</b>
<b>Foto 11 – Vendedora de bijuterias na Praia do Pepê .....</b>	<b>47</b>
<b>Foto 12 – Vendedora de vestidos na Praia do Pepê .....</b>	<b>48</b>
<b>Foto 13 – Vendedora de biquínis na Praia do Pepê .....</b>	<b>48</b>
<b>Foto 14 – Vendedor de cangas na Praia do Pepê .....</b>	<b>49</b>
<b>Foto 15 – Vendedor de chapéus na Praia do Pepê .....</b>	<b>49</b>
<b>Foto 16 – O “Árabe” vendedor de sandwiches na Praia do Pepê .....</b>	<b>50</b>
<b>Foto 17 – Pôr do sol na Praia do Pepê .....</b>	<b>50</b>
<b>Foto 18 – Barraca do “Seu Sarney” .....</b>	<b>51</b>

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a minha orientadora, Profa. Dra. Helena Bomeny, por toda a dedicação, seu comprometimento e extrema competência, especialmente por confiar em mim, por sua amizade, que após cada encontro, me fez acreditar que chegaria ao final.

Agradeço a minha mãe, pela confiança, compreensão e paciência comigo, tão importante, para a realização deste trabalho, sem ela, isto não seria possível.

Agradeço a Wilma, pela paciência e entusiasmo na digitação do trabalho e digitalização das fotos. Se não fosse ela, este trabalho não estaria concluído.

Agradeço a Professora Mariana Cavalcante, pelas observações sobre pesquisa qualitativa no meu Trabalho de Campo, que foi de grande valia para o desenvolvimento das entrevistas.

Agradeço às professoras Gisele Araújo e Bianca Freire-Medeiros, por aceitarem o convite para fazerem parte da Banca Examinadora no processo de dissertação.

Agradeço aos meus entrevistados da Praia do Pepê. Se não fosse eles, jamais terminaria a pesquisa.

Agradeço às amigas Lilian, Natália e Priscila, pela contribuição da língua estrangeira inglesa no meu trabalho de Pesquisa.

Agradeço a Regina Vives, secretária do CPDOC, por dispensar sua atenção ao meu trabalho de pesquisa.

Agradeço aos amigos Gilberto Singer e Diego Nóbrega, pelo apoio incondicional em todos os momentos.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho fosse realizado.

## **RESUMO**

Quando o campo é a “Praia Carioca do Pepê” e os “Usos Sociais do Corpo”, a forma de “distinção” em relação às classes sociais na construção da disposição estética, no gosto, consumo, estilo de vida e nos hábitos de classe.

Através deste “estudo de campo”, procurei captar as representações que os indivíduos fazem de seus corpos na “Praia Carioca do Pepê” ao confrontar com a realidade apresentada a mim nesse espaço da praia investigado. Com isso busquei averiguar se existe um imaginário social do “corpo” e como esse imaginário aparece nesse espaço da praia.

Palavras-Chaves: Alteridade, Consumo, Estilo de Vida, Identidade, Imaginário Social, Usos Sociais do Corpo.

## **ABSTRACT**

When the field is the “Rio Beach of Pepê” and the “Social Uses of the Body” in the form of “distinction” in relation to social classes in the construction of the aesthetic disposition with regard to taste, consumption, lifestyle and class habits.

Through this "field study", I tried to capture the representations that individuals make of their bodies in the " Rio Beach of Pepê " to confront the reality presented to me on that beach space investigated. With that sought to establish whether there is a social imaginary of the "body" and how this imagery appears in this space from the beach.

Key Words: Alterity, Consumption, Lifestyle, Identity, Social Imaginary, Social Uses of the Body.

## APRESENTAÇÃO

No final da década de 80, comecei a me interessar pelo tema das Representações Sociais do Corpo. O que me chamou atenção, desde aquela época, até os dias de hoje, é que o modelo de corpo mais desejado em nossa sociedade é o idealizado, isto é, o corpo perfeito e jamais conquistado. Porém, o “culto ao corpo” se tornou uma verdadeira obsessão, transformando-se em um estilo de vida, onde podemos observar que a disciplina do corpo continua sendo um elemento imprescindível na nova configuração do social.

O corpo é a superfície de inscrição das normas e valores de uma determinada sociedade, logo, é sobre ela que também se atualizarão as novas relações de poder. E através da mídia é que vai divulgar e disseminar o padrão de corpo que se deve ter, traçando, assim, um verdadeiro “mapa” das múltiplas normalizações e normatizações indispensáveis para se alcançar o corpo ideal, pois chegamos a um estágio de modelagem contínua e visibilidade permanente que se produz através de um culto exacerbado do próprio corpo. Estamos vivenciando um estágio paradoxal em relação à experiência do corpo na atualidade, isto é, o paradoxo da sociedade de consumo que “controla” a perfeição tão almejada do corpo no contemporâneo, que é alcançada por uma visibilidade e uma exposição permanente dos corpos na sociedade.

As respostas gratificantes que as pessoas têm em sua busca por corpos perfeitos refletem na importância que este corpo adquiriu nas últimas décadas, tornando-se um fator fundamental para explicar a especificidade de nossa cultura, em que o corpo é um componente essencial na construção do conceito de identidade.

Então, para responder as minhas inquietações sobre este assunto resolvi pesquisar e investigar algumas dessas questões para produzir um recorte desse imaginário sobre a corporalidade que se tornou uma “ditadura da beleza” nos dias de hoje, tendo como campo de estudo a “Praia do Pepê”, o lugar dos “Corpos Sarados”.

No Capítulo I: “A Representação do Corpo como Interesse de Pesquisa”, vou privilegiar uma literatura sobre os Usos do Corpo como objeto de entrada em teorizações contemporâneas sobre identidade e também vou definir como recortar e me aproximar do meu objeto de pesquisa.

No Capítulo II, procuro fazer uma breve revisão de literatura sobre os Usos Sociais do Corpo, abrangendo diversos autores que produziram teorizações sobre o assunto.

No Capítulo III: “A Cidade Praieira: Estilos de Vida e Usos do Corpo na Cultura Carioca”, num primeiro momento falo sobre o “maneirismo” do corpo carioca na cidade praieira do Rio de Janeiro e depois apresento a “Praia do Pepê”, como lugar dos “corpos sarados” e as peculiaridades desta praia, onde realizei meu “trabalho de campo”. Neste mesmo capítulo apresento as representações produzidas pelos meus entrevistados e faço a análise do material coletado enquanto interpretação dos resultados da pesquisa.

Nas Considerações Finais proponho uma relevância da pesquisa etnográfica sobre os Usos Sociais do Corpo na “Praia do Pepê” buscando uma aproximação teórica com os autores Boltanski e Bourdieu no delineamento da pesquisa, e busco relacionar as questões pertinentes da pesquisa com a cultura de consumo na pós-modernidade.

Em minha pesquisa, procuro compreender como se constrói o imaginário social sobre os usos sociais do corpo em um espaço específico: a “Praia do Pepe”. E, ao me ater “nas questões do imaginário”, das invenções e criações dos corpos na cultura, interessa esse espaço do imaginário das representações corporais onde se inscrevem as relações entre os seres humanos e seus corpos ou entre os corpos dos seres humanos no coletivo, isto é, conteúdo de uma nova história cultural do corpo. A “Praia do Pepê” na região litorânea da cidade do Rio de Janeiro ficou associada a percepções culturais e ao culto da natureza, da saúde e da beleza corporal.

Precisamos saber muito mais sobre o modo como os sujeitos, em particular, e as culturas, em geral, atribuíram significados e constituíram seus ideais de corpos, pois o corpo é um sistema de comunicação primária. Mas tal ambição está além dos limites desta reflexão monográfica.

A recente valorização da questão corporal, como lugar de observação privilegiado, problematiza o discurso moderno instrumentalizante do corpo produtor a serviço do capital, o aparato moral do capitalismo, enfatizando como estilo de vida, o consumo e o lazer. Sendo assim, às consequências do pós-industrialismo e suas estratégias disciplinares na sociedade de produção segue-se a do consumo, onde a percepção do corpo é dominada pela existência de uma vasta gama de imagens que propõem padrões de representações corporais. As imagens, os estilos de vida se multiplicam quase impedindo esquemas de



codificação/decodificação dessas representações que a pós-modernidade produziu pelo “descontrole-controlado” na cultura de consumo. Mais do que disciplinar, através da criação de necessidades e desejos que vai caracterizar o “consumo de massa” e irá refletir na questão da aparência corporal, produz uma “estilização de si” no momento em que os “eus verdadeiros” entram em crise no contemporâneo.

Pensar a corporeidade torna-se sempre mais complexo para este “sujeito-objeto” que oscila entre uma busca de perfeição e uma estética fora de padrões que tenta denunciar a objetivação maquínica do indivíduo, ironicamente tornando-o “dividido” por mecanismos de intervenção cultural. Viver o corpo não é apenas afirmar sua força, mas reconhecer sua fraqueza. Por isso, o discurso do corpo não pode ser neutro, na multiplicidade de discursos que se constroem em meio às condições de mutação oferecidas pela tecnociência.

Os antropólogos e sociólogos debruçaram-se sobre os “usos sociais do corpo” e tentaram descrevê-los como um dos produtos culturais próprios a cada sociedade, até mesmo como um dos principais pontos de impacto da aculturação. Hoje, cada vez mais, o corpo é concebido como um objeto de representações, de manipulações, de cuidados e de construções culturais e médicas, isto porque a cultura faz do corpo um modelo a construir segundo seus cânones e suas regras estéticas, sociais e até morais.

No entanto, o corpo sempre foi alvo de manipulações físicas e simbólicas no interior das sociedades. O corpo como o próprio psiquismo são produzidos e organizados pela ação social, pois cada sociedade particular efetua sobre o corpo uma série de ações que são operacionalizadas com base em técnicas corporais, tais como as posturas, alimentação, higiene, práticas sexuais e técnicas esportivas. Logo, é preciso estar atento aos novos valores. A cada momento movimentos de produção e reapropriação estão ocorrendo. O próprio corpo, desprezado em certo momento, é reapropriado, tornando-se objeto de um culto narcisista na cultura do contemporâneo.

O processo de valorização do corpo através dos tempos acompanha, de certa forma, a valorização da imagem de uma época. O ocidente, na busca de um sentido único, procurou anular a ameaça representada pela estética da imagem, pela valorização do corpo. Porém, o corpo com suas estratégias, não é apenas veículo de aparência enganosa, mas lugar de fascínio, sedução, criação de alianças, via pactos estéticos que celebram o prazer, a criatividade e o humor. Nossa imagem de corpo na cultura do

contemporâneo resulta não somente de nossa experiência cognitiva, mas também, sobretudo de nossa sensibilidade sexual aguçadas pelas flutuações de nossos desejos, prazeres e sonhos, localizados no campo de produção de subjetividades.

Os espetáculos do contemporâneo e seus simulacros de violência anestesiaram a consciência do corpo. E, a propósito das novas tecnologias do mundo globalizado, salienta-se a perda da inscrição espacial do corpo. No entanto, a questão da corporalidade toca a todos nós, daí a necessidade de nos situarmos em relação ao próprio corpo, em relação ao outro, isto é, a questão da alteridade.

Em função disso, podemos compreender que cada sociedade privilegia regras e rituais de interação, assim como as maneiras de gerir o corpo. De qualquer forma, o corpo ordena significações outras que a da linguagem falada. Portanto, os corpos são objetos marcados pelas normas culturais, e a leitura de suas articulações, de sua maior ou menor proximidade, nos possibilita a compreensão da organização social.

A condição do corpo na pós-modernidade em relação à cultura de consumo pode ser tomada por um reflexo do eu, na medida em que o corpo deve ser tratado como algo a ser elaborado, sendo intensivamente regulado, autodisciplinado, bombardeado com dietas e regimes para entrar em forma, “seguir a moda” e buscar livros de auto-ajuda, a fim de produzi-lo como uma mercadoria para o consumo.

Hoje o corpo produz representações de beleza, saúde, doença, juventude, virilidade, entre outras, incorporando-se outros contornos para produzir outros corpos. Vale ressaltar ainda que a tecnociência esteja produzindo “novos corpos”, potencializados pelo uso de diferentes produtos e técnicas, tais como próteses, suplementos alimentares, lentes de contato, vitaminas, vacinas, drogas químicas, estimulantes, implantes, etc. O corpo ainda está sujeito a distintas hierarquizações e mutilações.

O corpo e sua representação social oferecem uma via de acesso à estrutura de uma sociedade particular, pois no corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica. Portanto, o corpo é expressão da cultura e cada uma delas vai expressar-se por meio de diferentes corpos, porque se expressa diferentemente como cultura. Enfim, é preciso compreender os símbolos culturais que estão representados no corpo. Não se pode esquecer da natureza necessariamente social do corpo, sendo possível somente pensar em novos usos do corpo, já que cada cultura é passível de reinvenções e recriações.

## **CAPÍTULO I - A REPRESENTAÇÃO DO CORPO COMO INTERESSE DE PESQUISA**

Desde a década de 1980 uma corrente cada vez maior de estudos concentrou-se nos usos do corpo na sociedade. A história do corpo desenvolveu-se a partir da história da medicina, mas os historiadores da arte e da literatura, assim como os antropólogos e sociólogos, envolveram-se no que poderia ser chamado de “virada corporal”.

Meu interesse por este campo de reflexão está limitado ao que posso classificar como “Usos Sociais do Corpo”. Tal abordagem nos permite discutir o corpo como uma construção cultural, já que cada sociedade se expressa diferentemente por meio de corpos diferentes. Todo sujeito em sua relação com a sociedade, mesmo inconsciente desse processo, é portador de especificidades culturais no seu corpo nos modos de subjetivação e suas representações.

O sujeito na sua relação com a sociedade, por meio de seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de “incorporação” cultural ao seu repertório cognitivo. Dessa forma o sujeito adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo e no conjunto de suas expressões. Na verdade, ele aprende a cultura por meio de seu corpo, ao mesmo tempo em que expressa conteúdos culturais no movimento e cuidado com seu corpo.

Desse modo, o corpo não sendo uma entidade natural e sim um fato cultural, carrega nas sociedades capitalistas uma funcionalidade que o atrela aos dispositivos de controle e disciplina. Ao mesmo tempo em que é apresentado associado à sexualidade e à beleza, dotado de liberdade, o corpo é tomado como fonte de ameaça, verdadeira virtualidade revolucionária, que é reduzido em seu perigo, na medida em que é embalado, maquilado e despotencializado.

Entretanto, a percepção do corpo como simultaneamente natural e cultural determina processos de subjetivação que passarão pela administração do espaço corporal e por sua ritualização, se dando como organizadores de lugares, manifestando um processo de enunciação no qual a sensibilidade corporal se inscreve. Entretanto, em meio à crise de representação, não podemos mais falar sobre um eu, mas sobre uma

sucessão de “eus” possíveis que se processam em condições específicas de tempo e espaço. Dessa forma, a sociedade contemporânea mergulha na dúvida sobre como satisfazer os desejos representados pelo corpo.

Evidentemente, devemos enxergar o corpo como ele tem sido vivenciado e expresso no interior de sistemas culturais particulares, tanto privados quanto públicos, por eles mesmos alterados através dos tempos. Portanto, a história dos corpos deve incorporar a história de suas percepções. Na verdade têm sido feitas tentativas para interpretar a história do corpo essencialmente como a explicação de suas representações no discurso, utilizando-se as técnicas pós-estruturalistas e desconstrutivistas da análise textual.

O nosso conhecimento sobre o corpo, tanto na realidade, quanto nas representações, é crucial para as interpretações mais amplas da mudança social, onde o debate historiográfico já é intenso. Entretanto, na arte, na escrita criativa, na ciência, na medicina e nas metáforas, o corpo assume uma forma visual ou visualizada, pois cada quadro conta a sua história e incorpora um sistema de valor.

Resta apenas considerar que as histórias do vestuário, da limpeza, da alimentação, dos cosméticos, foram deixadas por muito tempo a cargo de especialistas desinteressados de questões mais amplas como das funções exercidas por tais objetos relativos à história do corpo e das atividades na transformação dos sujeitos nas sociedades inscritas simbolicamente na cultura.

Para desenvolver uma teoria social do espaço fundada na vida cotidiana e na produtividade do corpo é necessário que ocorra a transformação da vida cotidiana, e essa mudança depende da construção de novas relações sociais, isto é, da produção de novas cartografias espaciais e do imaginário social simbolizado. Logo, o espaço social é uma combinação de atividades mentais, físicas e sociais que estabelece certa ordem no espaço da natureza, no fluxo dos fenômenos espontâneos e no emaranhado que precede a chegada do corpo.

No entanto, o corpo tem um papel determinante neste esquema teórico. Porque a prática espacial inclui todos os usos do corpo em todas as suas possibilidades, como também os sentidos e os gestos. Desse modo, o espaço social é produzido pelo espaço das representações diretamente vividas no cotidiano, e pelo espaço concebido que é representado por ideologias. Existe também outro espaço, que é sempre o espaço do

corpo, produzido e historicamente específico: o espaço abstrato. O efeito desse espaço abstrato é o de transportar o corpo para fora de si mesmo e para dentro da esfera ideal visual. Logo, um corpo abstrato é aí definido, e o sujeito deve adaptar-se a ele. Então, temos o corpo como centro dessa teoria social do espaço, porque somente a atividade produtiva que é o mesmo que ser criativa ou inventiva pode ser a fonte do espaço social e redesenhar suas novas cartografias.

Consideramos o espaço social transdisciplinar e multiforme, logo a uniformidade produzida pelo espaço abstrato não é mais que uma ilusão, uma vez que o corpo é a fonte da energia produtiva, já que está aberto a todos os sentidos e a todas as possibilidades de extensão, por isso funciona como um campo de diferenças. Então, a produtividade do corpo sempre conserva a diferença. Por esse motivo é fonte do novo, do repetitivo e, também, da diferença dentro da repetição, a criação ou a invenção que sempre provoca um efeito de mudança na realidade, um jogo que sempre modifica um espaço e gera um espaço novo – o da alteridade. o enigma do corpo, além do sujeito e do objeto, produz diferenças inconscientemente de repetições, de gestos ou de ritmos.

Portanto, o segredo do corpo é ser portador do novo. Por isso que na concepção da diferença a produtividade do corpo pode produzir diferenças que não estão ainda integradas em um sistema já construído. É ela que divulga a verdade desse espaço, é como a imagem cinematográfica que nunca se fixa, mas que está sempre vindo à existência e que produz aí novas cartografias do espaço e do imaginário social simbolizado. Com isso, chama-se atenção para que novas conexões entre a produção do espaço social, o corpo e a subjetividade sejam mais exploradas...

Hoje, na sociedade contemporânea, se vê claramente que, antes de se criarem novos modelos teóricos de comunicação, é necessário primeiro compreender o imaginário da globalização, que tem no excesso de mensagens e produtos uma de suas características principais. Para a compreensão da contemporaneidade, temos de reavaliar a intensa relação do consumo com seus corpos na sociedade devido aos novos valores de inserção social no contemporâneo. O que define o corpo é seu significado nas diferentes culturas, o fato de ele ser produto da própria cultura e se construído diferentemente por cada sociedade, isto é, como ele é representado.

O consumo, como qualquer outra atividade pública contemporânea é parte integrante dessas relações cotidianas, onde o corpo é peça prioritária nesse processo. De

tal centralidade do movimento em direção ao consumo constroem-se novas subjetividades, uma vez que indivíduos participam de forma diferenciada e positiva ou negativamente valorizada do ato de consumir, do que se consome, da maneira como se consome. Fazendo uma reflexão sobre as representações do corpo no imaginário, pode-se dizer que nessas relações construídas no cotidiano o corpo do outro faz parte desse imaginário, não só porque ele produz novas cartografias e configurações, mas também é de grande valia para se compreender essas novas formas de sociabilidade e de comunicação. Assim, ocorre a passagem de um processo de expressão a um processo de representação enquanto verdade conceitual.

A velocidade de circulação das imagens no contemporâneo provoca discussões sobre a crise da representação e se valoriza novamente o corpo e seu modo de se apresentar na busca de uma identidade social num momento em que vivenciamos a globalização e seus sofisticados processos de comunicação. Foi neste contexto que se configurou o movimento de estetização geral, caracterizando o que um conjunto de autores, impulsionado por Lyotard<sup>1</sup>, nomeou como “pós-modernidade”, e que vem sendo interpretada das mais diversas formas na construção das subjetividades contemporâneas.

Porém, antes de ser sublimado ou rebaixado, o corpo e sua estética eram valorizados enquanto elementos de criação. Nesse caso, o sentido corpo seria cativo de classificações e representações, o que hoje se atribui na aparência, enquanto estética de superfície, a constituição do paradigma contemporâneo, em que a técnica e o consumo acelerado propiciam uma subjetividade verdadeiramente transcultural.

Dentro desta estetização geral, os movimentos de diferenciação, caracterizando pontos de fuga, renovação e invenção de um pensamento não enclausurado na consciência, no imaginário e no conhecimento, adquirem hoje o sentido de uma estratégia corporal na busca de mais expressão, aumentado o poder do corpo de afetar e de ser afetado. O que se percebe é o paradoxo da produção, simultaneamente, de pequenas diferenças por grupos, tribos e sujeitos em busca de personalização, em um ambiente percebido como de crise de representação.

---

<sup>1</sup> Lyotard, J.F. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998.

O corpo entra em cena, seja numa busca de perfeição via estética ou na exibição e criação da imperfeição mediante cirurgias. Os novos hábitos de alteração do corpo, comum a várias culturas, seja pela recriação ou reinvenção, produzindo novas subjetividades, desestabilizando categorias tradicionais, tornando o sujeito um ser mutante, um corpo virtual, interferindo até mesmo em sua estrutura química e genética, para se obterem outras cartografias e configurações corporais.

Nessas situações vivenciadas por nós no contemporâneo sobre as aventuras do corpo e sua clandestinidade, aumenta nosso estranhamento com as maneiras emergentes de sentir, de pensar, de fantasiar, de amar, de sonhar. Cada vez mais estamos diante dos imensos aparelhos de codificação e captura, como se fossem máquinas de fabricar os mais fantásticos dos sonhos ainda não realizados pelo homem. É como se o inconsciente tivesse sido tomado pela mídia, segundo uma nova lógica cultural do capitalismo tardio que tomou de assalto a subjetividade.

Tentando reencontrar o sujeito, enquanto lugar de representações, deixa-se que o olhar sobre a subjetividade seja redesenhado à luz dessas mutações, mudanças diversas produzidas por todas as aquisições de novas tecnologias sobre o corpo que criam espaços provirtuais e que alteram a noção de presença de corpo, de relação e de identidade, produzindo efeito de deslocamento cibernético entre o *self* e o corpo, onde uma espécie de reencarnação virtual reconfigura o espaço corpóreo e incorpóreo, recriando e reinventando os corpos em suas virtualizações.

Nesse movimento acelerado, ao se recriar a subjetividade incessantemente, em todas as suas manifestações, nos deparamos com a multiplicidade de suas formas produzidas, sejam essas subjetividades polifônicas, heterogêneas, emergindo como outros tantos territórios existenciais na adjacência de outras alteridades subjetivas. O corpo se transforma na própria mercadoria que circula nesses espaços e assistimos a sua virtualização, assim como nas posturas, nas sensações e nos sonhos, ou seja, na fabricação desse imaginário.

Seria muito propício para todos nós se conseguíssemos evitar que a subjetividade fosse moldada à imagem e semelhança desse capitalismo que impera em suas carências fabricadas de suas produções de estereotipias seriais, enfim de suas capturas ou fugas. Porém, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações?

A virtualização do corpo torna a cena dos anos 90 como um movimento predominante, no momento em que a questão do corpo está sempre ganhando ressignificações na atualidade. O corpo é dado como construção relativizada da cultura em mudança permanente. Entramos, então, na cultura informático-midiática do corpo. Essa nova lógica da sociedade informacional provoca o reconhecimento de um novo sujeito, marcado pela realidade virtual. É nesse contexto que se multiplicam as representações identiárias do corpo em seu ciberespaço.

Tomando as identidades culturais como resultados sempre transitórios do processo de identificação, cada período histórico parece privilegiar uma combinação específica de subjetividades. Para explicar esses efeitos de subjetividade que se revelam na virtualização do corpo, no contemporâneo, infere-se diretamente sobre os novos saberes e técnicas aplicadas ao corpo como a estética, o *body building*, as cirurgias, os medicamentos, as biotecnologias, etc.

Assim, a presente virtualização dos corpos surge como uma nova etapa de autocriação produzida pelo homem. Isso possibilita a compreensão de que o corpo não era só o que se tinha como imagem dele. Porém, através dos sistemas ditos de realidade virtual, podemos experimentar uma crescente integração dinâmica de diferentes modalidades perceptivas. Nesse sentido, o corpo poderia ser considerado como uma imensa rede de interfaces. No entanto, a virtualização corporal opera ainda em termos de esforço para ultrapassar limites de intensificação de sensações.

Cada época tenta oferecer uma resposta para a virtualização do corpo, cada nova interpretação apenas inventa um sentido a partir da constituição da cultura. Logo, o corpo virtual dá igualmente novo sentido à noção de simulacro<sup>2</sup>. Nesse caso, valeria também refletir sobre as relações entre a virtualização do corpo e as experiências no campo da vida artística. Primeiramente, sobre as vivências em termos de realidade virtual, nas quais rápidas trocas de identidade tornam-se um hábito. Outro caminho seria a verificação do imaginário infantil na era do virtual, em que as crianças parecem

---

<sup>2</sup> O conceito chave de “simulacro” é uma referência imediata ao nome de Jean Baudrillard, parte de um grupo maior de intelectuais como Jacques Derrida, Michel Foucault, Jean-François Lyotard, Cornelius Castoriadis e Edgar Morin que representam o que a literatura nomeou como “Nova Teoria Francesa”, um campo e corpo de conhecimento que teve na crítica ao estruturalismo sua fonte mais importante de motivação e inspiração.



compreender bem os processos de transformação cibernética dos corpos, recriando e reinventando novas modalidades de subjetividade.

Essas estruturas do imaginário enquanto foram estruturantes dinâmicas, organizadoras do pensamento, dando significado ao simbolismo e ao corpo, construíram a imagem, articulando a expressão corporal com as representações. O corpo imaginário constitui-se na construção onde tudo se desenvolve a partir da imagem que a cultura dele faz, e inúmeras são as maneiras pelas quais cada cultura fabrica o corpo. É impossível ter acesso ao significado desse corpo sem ter conhecimento da cultura na qual ele se inscreve. No entanto, esse corpo que pouco tem de natural pode ser apreendido por diversas produções de uma cultura.

O imaginário seria esse percurso no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pela subjetividade. Reciprocamente, tais representações subjetivas se explicam pelas acomodações anteriores do sujeito ao meio objetivo. Então, na medida em que o campo do simbolismo é produto dos imperativos biopsíquicos, percebe-se a relação íntima existente entre o corpo e as representações, o relacionamento entre os gestos fundamentais do corpo com a formação e a organização das imagens. Portanto, se o corpo é uma estrutura transformável, de acordo com a produção de novas subjetividades, essa imagem constituída pelo sujeito de seu corpo irá produzir novas cartografias e configurações distintas em sua possibilidade de recriação e reinvenção desse corpo. Logo será passível de tradução em outras representações.

Na contemporaneidade, estamos vivendo as contradições do corpo. A questão da corporeidade que se revela no confronto entre o desejo e o instinto, a tensão entre o interior e o exterior, o conflito entre o prazer e a dor, uma época de alteridades, que se dá pela construção de um eu que é o outro, deflagrando a soma complexa de paradoxos, em termos de supervalorização da imagem. A idéia de construção do corpo, *body building*, que é genealogicamente determinada, circunscrita a uma época, delineia um espectro das condições que permitem hoje a hipervalorização da construção corporal, via ginástica, cirurgias estéticas, cosmetologias, dietas, biomedicinas, etc. O *body building* conquistou um espaço privilegiado, quando os antigos valores que instrumentalizaram o corpo sofreram o impacto de espetacularização que caracteriza o contemporâneo e se diversifica. O que se observa é que há uma clara substituição do registro regulador. Daí a dificuldade que encontramos na análise da cultura

contemporânea do corpo, de discernir entre disciplina e prazer. A generalização da cultura narcísica tem no *body building* uma de suas mais evidentes expressões que se revelam paradoxalmente. No entanto, os iniciados nessa ritualização fazem do corpo um mapa, cujos lugares são marcas singulares, isto é, de memória.

E, novamente, temos uma forma de o corpo afetar e ser afetado por experimentar em sua subjetividade, diferentes sensações. Portanto, é preciso que a superfície desse corpo “modificado, transformado” disponha de novas construções do imaginário, configurando-o de maneira diferente da forma que já vinha sendo representado, isto é, que apresente outra cartografia e emita novas representações.

Os pontos esboçados até aqui se constituíram como preocupação e desafio intelectual. Eles foram provocados por uma mobilização pessoal em torno do tema, pela centralidade do corpo na representação das interações e pelo contato com uma literatura que elegeu o corpo como objeto de entrada em teorizações contemporâneas sobre identidade. Provocado pela motivação pessoal e estimulado por leituras contemporâneas defini um campo de pesquisa bem delimitado – um espaço específico de exposição de corpos e um ambiente publicamente conhecido como “Praia dos Corpos Sarados”. Era minha chance de aprofundar inquietações pessoais à luz da literatura sobre o tema. Com esta motivação, iniciei o trabalho monográfico que passo a descrever.

### ***Como recortar e como me aproximar do objeto?***

O método escolhido para proceder a pesquisa foi o “estudo de campo”. De M.C.S. Minayo<sup>3</sup>, aproprio-me da sugestão de que o trabalho de campo faz um recorte espacial que corresponde à abrangência em termos empíricos do recorte técnico correspondente ao objeto de investigação num processo mais amplo de construção do conhecimento. Como todo estudo de campo que sempre envolve a metodologia qualitativa utilizada pela pesquisa antropológica, valer-se-á o presente de um instrumental variado face ao objetivo de se estudar o mais completamente possível o objeto investigado. Dentre os instrumentos destacam-se a “entrevista não-diretiva” e o

---

<sup>3</sup> Minayo, M.C.S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. São Paulo: Hucitec, 1992.

uso do “questionário aberto” que propiciam na interação “entrevistador-entrevistado” um discurso fluente do sujeito, permitindo o registro desse discurso que será analisado em função do seu conteúdo. Minha aposta foi conseguir construir um conhecimento a partir do apreendido do material coletado na construção de categorias discursivas, caracterizando, de forma específica, o estudo do estilo de vida de um grupo investigado e, particularmente, da ideologia compartilhada por esse grupo, com intuito de focalizar questões relativas ao objeto em estudo<sup>4</sup>.

Após a coleta de dados, através de uma amostra qualitativa, constituída por 20 sujeitos, subdivididos em gênero (homem e mulher), e por faixa etária, adulto-jovem [18 a 35 anos] e adulto [36 a 50 anos], tentarei a formatação de diferentes categorias de classificação.

Por fim, interessa-me captar as “representações sociais” que os indivíduos investigados fazem de seus corpos na “Praia Carioca do Pepê”. O observado é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto. A intenção é explorar o comportamento e as representações de um sujeito ou de um grupo de sujeitos diante de uma situação concreta, para compreender o seu sentido, colocando-se alternadamente na perspectiva de observador e na de “sujeito-atores” de sua vivência<sup>5</sup>.

Como toda pesquisa etnográfica, foi elaborado um “Diário de Campo”, com algumas observações sobre o mesmo, para melhor operacionalizar os dados investigados.

Após ter elaborado o “Roteiro de Entrevistas” (Anexo 1), comecei a entrevistar as pessoas na “Praia do Pepê”, meu campo de pesquisa. As entrevistas se procederam de forma harmoniosa, isto é, eu me apresentava às pessoas nas barracas, dizia o que estava fazendo e perguntava se elas queriam participar. Várias pessoas se ofereceram para serem entrevistadas, tive até que limitar esta participação voluntária, para atender a limitação do meu universo amostral, já estabelecido no projeto de pesquisa. Após ter concluído as entrevistas em todas as categorias estipuladas, dentro das diferentes faixas etárias e por gênero, passei à fase de análise e interpretação do material recolhido.

---

<sup>4</sup> Thiollent, M. *Crítica Metodológica: Investigação Social e Enquete Operária*. São Paulo: Polis, 1987.

<sup>5</sup> Jodelet, D. (org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

A análise foi subdividida por categorias amostrais, onde cada categoria produziu suas respectivas representações sobre o tema investigado. Foi elaborado um quadro sinóptico das representações por categoria, para melhor identificar os diferentes grupos entrevistados. O Quadro Sinóptico elaborado para análise das entrevistas ficou com o seguinte modelo:

Faixa Etária	Gênero	
	Homem	Mulher
Menos de 35 anos	Categoria A	Categoria B
Mais de 35 anos	Categoria C	Categoria D

Partindo desse modelo, a interpretação dos resultados foi feita por categoria analisada, pois cada categoria produziu suas representações específicas sobre o tema pesquisado, podendo haver ou não coincidência na construção dessas representações entre as diferentes categorias investigadas. Ao final do percurso foi possível comparar, por aproximação, as teorias que busquei verificar com minha pesquisa, ao fazer de forma objetiva o confronto com a realidade apresentada a mim no espaço da praia investigado. Com isso busquei averiguar se existe um imaginário social do “Corpo” na “Praia do Pepê” e como esse imaginário aparece nesse espaço da praia.

## **CAPÍTULO II - OS USOS SOCIAIS DO CORPO: UMA BREVE REVISÃO DE LITERATURA**

Início com a apropriação de um conceito tal como construído por Michel Featherstone<sup>6</sup>. O conceito de “estilo de vida” é proposto pelo autor como a forma pelo qual uma pessoa, ou um grupo de pessoas, vivenciam o mundo e fazem escolhas. Porém, o que define os elementos que compõem o conjunto simbólico a que se chama de estilo de vida é, basicamente, sua distância em relação às necessidades básicas dos indivíduos ou grupos, distância gerada a partir de determinadas condições materiais de existência. Esse sistema de esquemas geradores, inseparavelmente “éticos-estéticos”, expressa, em sua lógica própria, as condições dessa existência, em sistemas de preferências, cujas oposições em relação às preferências de outros grupos, em outras posições, que se produzem de modo diferenciado e diversificado.

Dessa forma, estilo de vida é um conjunto de preferências diferenciadoras que se expressam, na lógica de cada um dos micro-espacos simbólicos da sociedade como: vestimentas, linguagem, postura, consumo, etc... Crescendo a distância com relação às necessidades, o estilo de vida vai se tornando cada vez mais o produto de uma “estilização da vida”, preferência sempre recorrente e que orienta e organiza as práticas mais diversas, desde a escolha de uma roupa, uma bebida, até a decoração da casa, a religião a que se adere ou as opções de lazer. Sendo assim, a análise das subjetividades, gostos, sensibilidades e valores em si, não dão conta de que tais valores são moldados por condições concretas da vida que as gera e que por eles são definidos num estilo.

Michel Featherstone<sup>7</sup> coloca que a busca da individualidade traz as diferenciações de gostos, mesmo assim, os esquemas classificatórios e estilos de vida são semelhantes, trazendo disposições e sensibilidades estéticas para um público mais abrangente. No plano das experiências culturais cotidianas, tal busca implica na transformação da realidade em imagens. Portanto, a cultura cotidiana pós-moderna é uma cultura da diversidade e heterogeneidade estilísticas, de uma sobrecarga de

---

<sup>6</sup> Featherstone, M. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

<sup>7</sup> Idem.

imagens e simulações que resulta numa perda de referente ou do senso de realidade. Porém, favorece uma estetização dos modos de percepção e da vida cotidiana. Logo, as imagens, os estilos de vida, se multiplicam quase impedindo esquemas de codificação/decodificação.

Para Featherstone<sup>8</sup>, a cultura de consumo, mais que disciplinar pela criação de desejos e necessidades, possibilita maior número de opções para o indivíduo. E a aparência corporal produz uma “estilização de si” no momento em que os “eus verdadeiros” estão em crise. Então, o que se percebe é uma leitura do corpo disciplinado pelas regras de estilização geral da vida contemporânea, podendo incidir numa versão redutora do papel do corpo hoje, em virtude da busca de uma perfeição corporal.

Nos dias de hoje, o modelo de corpo mais desejado é o do “corpo perfeito”. No entanto, o culto ao corpo tornou-se uma verdadeira obsessão, transformando-se em estilo de vida, onde a disciplina do corpo enquanto dispositivo regulador aparece como elemento fundamental na configuração da sociedade, tornando a aparência do corpo um fenômeno estético enraizado profundamente no imaginário de nossa existência coletiva. Sobre esses aspectos Boltanski<sup>9</sup>, através do conceito de “Usos Sociais do Corpo”, mostra como as práticas sociais ligadas ao corpo representam algumas relações entre o indivíduo e a cultura numa sociedade, responsável por criar, nos indivíduos, uma visão de mundo onde se agrupam valores ético-estéticos e estilo de vida. Da contribuição de Boltanski<sup>10</sup> sobre aspectos teóricos da sociologia do corpo priorizo aqui algumas dessas implicações, por ele levantadas, possíveis de serem desenvolvidas nesta pesquisa, conceitos tais como:

- A existência de uma cultura somática ligada ao uso do corpo e concebida/fabricada dentro de cada classe social com a prevalência de regras de decoro caracterizadas por normas culturais específicas dentro de cada classe social, constituindo uma espécie de código inconsciente de classe.

---

<sup>8</sup> Featherstone, M. Op. cit.

<sup>9</sup> Boltanski, L. *As Classes Sociais e o Corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

<sup>10</sup> Idem.

- A eficácia dos sistemas simbólicos que servem de referência às classes sociais em sua orientação e, conseqüentemente, aos usos sociais do corpo.
- Os sistemas simbólicos que vão constituir a cultura e a identidade social das diferentes classes sociais.

Outro conceito central em Boltanski<sup>11</sup>, é que o autor qualifica como grau de reflexividade da cultura somática, que expressa o quanto uma pessoa é capaz de observar o próprio corpo e discriminar sensações corporais através de uma linguagem que tem a riqueza suficiente para torná-las comunicáveis. Esse grau de reflexividade varia conforme a classe social. Na verdade, em toda classe social existe um sociocentrismo, isto é, só se reconhecem os limites do grupo social a ele pertencente. A identidade social fornece ao grupo uma fonte de evidência que confere legitimidade às suas crenças. Desse modo, na vida social, o grupo a que se pertence, e as identidades a ele associadas, definem o conjunto de evidências a que um indivíduo pode recorrer.

Tal evidência é o consenso social, isto é, as crenças de outros num grupo. O consenso pode existir em relação a conteúdos explícitos do conhecimento ou também através de um acordo social sobre meios aceitáveis de estabelecimento de alguma outra espécie de evidência. Logo, a eficácia simbólica desse discurso grupal que elabora o conhecimento do senso comum precisa ser pública, isto é, os processos discursivos têm de ser potencialmente reconhecidos pelos membros do grupo, envolvendo-os como produtores assim como receptáculos do sistema de conhecimento produzidos no grupo. O requerimento mínimo é que os resultados da elaboração coletiva desse conhecimento sejam acessíveis a todos os membros do grupo.

Não é de se estranhar, nos dias de hoje, que os usos do corpo se tornaram um problema de investigação científica, para compreender a singularidade de nossa sociedade e a especificidade de uma cultura.

Os estudos sobre o corpo, segundo Goldemberg<sup>12</sup>, são um elemento fundamental no entendimento do conceito de identidade, e com a recente valorização da questão corporal, como lugar de observação privilegiada, problematiza o discurso moderno

---

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Goldemberg, M. (org.). *O Corpo como Capital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.

instrumentalizante do corpo produtor a serviço do capital: o aparato moral do capitalismo burguês. A alteração contemporânea está na ênfase mais acentuada no estilo de vida, no consumo e no lazer, onde a percepção do corpo é dominada pela existência de uma vasta gama de imagens que propõem padrões de representações corporais.

No entanto, a construção das imagens dos modos de vida pós-moderno pode ser vista como uma forma por meio da qual o pluralismo da identidade é administrado por indivíduos e explorados ou organizados pela sociedade de consumo, tendo como exemplo, a relação dos indivíduos com os usos sociais do corpo. A cultura de nosso tempo e a tecnociência por ela produzida e que também a produz, responsabiliza os indivíduos pelos cuidados de si e, enfatiza, a todo o momento, que somos o resultado de nossas opções e, também, os responsáveis por nós mesmos, pelo nosso corpo, saúde e beleza, que temos ou deixamos de ter.

Ao se estabelecer algumas estéticas de subjetivação aos usos sociais do corpo, busca-se, hoje, delinear uma cartografia do imaginário corporal, diretamente afetado pelas novas tecnologias através da “especialização” da imagem. Maffesoli<sup>13</sup> se utilizou do conceito de “aparência e corpo” para mostrar como valorizar o corpo em função de sua aparência. Essa implicação está fundada no conceito de “individualização das aparências” que, segundo Maffesoli<sup>14</sup>, produz a parte da valorização por vezes exacerbada da imagem transformada em performance, levando os indivíduos a perceber que o corpo é o local primeiro da identidade. Temos um corpo na pós-modernidade investido de práticas discursivas disciplinadas que constituem as formas de identificação dos indivíduos na sociedade de consumo. Ao mesmo tempo que é o único revelador de um eu próprio é um corpo partilhado semelhante e similar a uma infinidade de outros corpos produzidos como produto de nosso tempo e nossa cultura, operando, simultaneamente, no coletivo e no individual.

No âmbito da aparência e suas diversas modulações a moda, o espetáculo político, a teatralidade, a publicidade e imagens televisivas formam um conjunto, significativo que, enquanto tal, exprime bem uma dada sociedade. A aparência torna visível o corpo coletivo, mas, ao mesmo tempo, preserva, protege, serve de escudo

---

<sup>13</sup> Maffesoli, M. *No Fundo das Aparências*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 1996.

<sup>14</sup> Idem.



contra as várias adversidades. É a individualidade que reveste essa ou aquela aparência que se deixa ver desse ou daquele modo.

Ter um corpo dentro dos padrões estipulados é hoje uma questão de marketing pessoal. As pessoas se deixam levar facilmente por estereótipos, imagens televisivas e modismos, se esquecendo que a moda muda facilmente, o que provoca o movimento de querer fazer com que seu corpo modifique também, pois, o “belo” sempre permaneceu continuamente como um elemento de grande importância e relevância na sociedade.

Atualmente, a aparência parece ser do que se vive no mundo urbano nos dias atuais. Consequentemente, a linguagem da aparência é causa e efeito da capacidade de comunicação na sociedade, fazendo do corpo um “espetáculo”. Maffesoli<sup>15</sup> mostra bem como esse paradigma do cuidado com o corpo está na origem do comércio, do artesanato, e mais tarde, na indústria. Pode-se acrescentar que a preocupação e o cuidado com o corpo que se observam constantemente podem ser analisados como tantos outros meios de se situar uns em relação aos outros. A aparência é um elemento intrínseco da constituição do ser humano, talvez seja impossível viver sem se preocupar com ela.

Observamos com Foucault<sup>16</sup>, o conceito focado na disciplina do corpo como dispositivo de regulação das práticas sociais contemporâneas. Em sua obra *Vigiar e Punir*, Foucault coloca que o poder é definido como uma técnica que adquire efeitos estratégicos por meio de seu caráter disciplinar. As práticas disciplinares são estratégicas, na medida em que se tornam expressões de poderes. São práticas discursivas que se constituem em conhecimento prático, uma vez que disciplinam o corpo, regulam a mente e ordenam as emoções, de forma que a hierarquia e a estratificação deixam de ser apenas a reprodução de uma tradição cultural, e se tornam a nossa base para a compensação dos indivíduos pela sua produção, que são eles próprios definidos pelas novas práticas disciplinares de poder. As práticas disciplinares expressam bem a idéia de regulação dos corpos coletivos, oferecem microtécnicas de poder que circunscrevem e normalizam não apenas os indivíduos, mas também os

---

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> Foucault, M. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 2002.

corpos coletivos. Para Foucault<sup>17</sup>, a época moderna se inaugurou através de um regime de vigilância dos corpos e tais técnicas, para alcançar toda a sua potência, exigem a internalização desse controle que, por sua vez, é aplicado sobre os indivíduos e seus corpos.

É possível dizer que o corpo sempre foi o reflexo de pressões e de transformações múltiplas fundadas nos valores e crenças promulgados pelas sociedades, das imagens culturais contemporâneas e suas contradições geradas em relação à existência corporal. Michel Foucault<sup>18</sup> foi um dos intelectuais que de forma mais aguda tomou o corpo como objeto no sentido em que, os usos a ele atribuídos e os gestos a ele dirigidos são fontes reveladoras de formas específicas de relações sociais, de expressão de conflito e de imposição do exercício de poder.

Segundo Foucault<sup>19</sup>, o corpo é construído, moldado e remoldado pela intercessão de uma variedade de práticas discursivas disciplinares. Dessa forma, conceber o corpo como submetido a regimes de verdade normalizadores, é uma maneira produtiva de se repensar o que ele chamou de “materialidade do corpo”. Com isso, vem afirmar que o corpo é o ponto de aplicação de uma variedade de práticas e dispositivos disciplinares.

Para Foucault<sup>20</sup>, a época moderna inaugurou-se através de um regime de vigilância dos corpos. Tais técnicas de vigilância, enquanto dispositivo disciplinar, em sua potência máxima, exigiam a internalização do controle pelo indivíduo.

A partir da construção do corpo o indivíduo é domesticado por um controle, não apenas dos caracteres físicos, mas também das sensações, dos desejos e das reações emocionais mais íntimos. Pela domesticação do corpo, oculta-se uma ditadura das preferências, dos desejos e das emoções. E o corpo, enquanto lugar de controle prático, torna-se um “corpo dócil”, diz Foucault<sup>21</sup>, cujas energias são regulamentadas a partir de fora e cujas sensações são cada vez menos diversificadas.

---

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> Foucault, M. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Foucault, M. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 2002.

<sup>21</sup> Foucault, M. 1986, op. cit.

Na modernidade, o corpo era manipulado enquanto instrumento de produção, lugar de disciplina e controle. Na sociedade pós-moderna, caracterizada pela difusão do saber e da informação por uma tecnologia que ultrapassa a ciência e a máquina para tornar-se social e organizacional, repensa-se este controle. O novo espectro global de fluxos com suas redes e imagens é destinado a controlar, sobretudo, o cidadão consumidor através da produção incessante de serviços e desejos.

Segundo Le Breton<sup>22</sup>, a retórica contemporânea do corpo ideal, constituída pela mídia, é assim um meio para convencer os indivíduos de seu poder sobre a materialidade, sem considerar o fato de que o corpo é como tal uma parte de cada pessoa, sendo ao mesmo tempo um objeto do mundo. O corpo ideal é uma instância simbólica, envolvente, que insere todos os indivíduos de uma sociedade ou de um grupo nas redes de significações, de práticas e de crenças. É ao mesmo tempo uma instância de identificação e de reconhecimento que permite os agrupamentos. Já na perspectiva de Pierre Bourdieu<sup>23</sup>, o corpo é uma instância de “classificação” e “distinção”, de acordo com a “disposição de classe social” a que o indivíduo ou grupo social pertence.

Segundo Stuart Hall<sup>24</sup>, é na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas que a questão da identidade, ou melhor, da “identificação”, se processa. O conceito de “identificação” acaba por ser um dos conceitos menos bem desenvolvidos da teoria social e cultural, quase tão arduo, embora preferível ao de “identidade”. Porém, na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. Hall<sup>25</sup>, afirma também que as identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. Isto porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso. É preciso compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.

---

<sup>22</sup> Le Breton, D. *A Sociologia do Corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

<sup>23</sup> Bourdieu, P. In. Ortiz, R. *Grandes Cientistas Sociais*. Vol. 39. São Paulo: Ática, 1994.

<sup>24</sup> Hall, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DPeA, 2000.

<sup>25</sup> Idem.

Além disso, as identidades emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são um produto da marcação da diferença e da exclusão. Portanto, pode-se afirmar que as identidades são construídas por meio de diferença e não fora dela. Sendo assim, temos um argumento convincente da psicanálise<sup>26</sup>, de que todas as identidades funcionam por meio da exclusão, por meio da construção discursiva de um exterior constitutivo e da produção de sujeitos objetos e marginalizados, aparentemente fora do campo do simbólico, do representável, ao qual retorna sempre. As identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir embora “sabendo” sempre que elas são representações, e que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do *Outro*. Elas não podem nunca, segundo Lacan<sup>27</sup>, ser idênticas aos processos de constituição do sujeito que nelas são investidos.

Como a construção da identidade está ligada a sistemas de representação, o outro cultural é sempre um problema com o que nos deparamos, pois coloca em xeque permanentemente nossa própria identidade. É um problema social porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente, é inevitável. E o problema é que esse “outro”, numa sociedade em que a identidade torna-se, cada vez mais, difusa e descentrada, se expressa por meio de muitas dimensões. O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, a outra raça, a outra nacionalidade. Em semelhante conjectura o outro é o “corpo diferente”.

Para Stuart Hall<sup>28</sup>, parece necessário examinar quais são as formas e as modalidades da relação com o eu pelas quais o indivíduo se constitui e se reconhece nas “posições-de-sujeito”. Isto porque a identificação opera num processo por meio da diferença, através de práticas discursivas de marcação de fronteiras simbólicas na sociedade.

A sociedade de consumo se desenvolve junto com o que os intelectuais, provocados por Lyotard<sup>29</sup>, cunharam como pós-modernidade. Segundo Jameson<sup>30</sup>, a

---

<sup>26</sup> Birman, J. *O Mal-Estar na Pós-Modernidade*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.

<sup>27</sup> Lacan, J. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

<sup>28</sup> Hall, S. Op. cit.

<sup>29</sup> Lyotard, J.F. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998.

<sup>30</sup> Jameson, F. *Pós-Modernismo ou Lógica do Capitalismo Tardio*. São Paulo: Ática, 1996.

sociedade de consumo tem a principal função de correlacionar a emergência de novos traços formais na vida cultural com a emergência de um novo tipo de vida social e de uma nova ordem econômica, onde a pós-modernidade expressa a vontade interior desta ordem social emergente do capitalismo, incluindo a especificidade da experiência pós-moderna do tempo e do espaço. Por causa disso, promove novos tipos de consumo, reiterando a lógica do capitalismo da sociedade de consumo.

A sociedade passa a dominar o indivíduo através do mundo material dos objetos e interesses, agora essenciais não só para a satisfação das necessidades mas também para ele ser ou encontrar uma identidade. A pluralização dos modos de vida obriga cada indivíduo a negociar identidades múltiplas e contraditórias, à medida que percorre diferentes esferas públicas e privadas, cada qual com seus diferentes papéis, normas, etc. Os modos de vida tornam-se escolhas possíveis em termos de identidade. Tal pluralidade de vida pós-moderna traduz-se diretamente em opções de consumo. Por outro lado, é uma receita para crise de identidade em grande escala; não há posições sociais nem eus individuais naturais ou ordenados. Por força das circunstâncias os indivíduos são obrigados a escolher, construir, manter, interpretar, negociar, exhibir quem eles devem ser ou parecer, usando uma variedade fantástica de recursos materiais e simbólicos.

A escolha é uma reivindicação, é uma compulsão, algo que somos obrigados, pela falta de uma ordem social estável. Então, escolhemos uma identidade para nós mesmos na “vitrine do mundo social” pluralizado, deparamos com ações, experiências e objetos como parte da necessidade de construir e manter a própria identidade.

Para o psicanalista Joel Birman<sup>31</sup>, a cultura de consumo “tecnifica” o projeto de identidade ao abordar todos os problemas como passíveis de solução através de várias mercadorias. Portanto, a instabilidade do “eu pós-moderno” é compreendida em parte como um aspecto da instabilidade das formas pós-modernas de participação na sociedade. Richard Sennett<sup>32</sup> afirma que os indivíduos procuram o seu verdadeiro eu no consumo, na aparência e no desempenho social. E Anthony Giddens<sup>33</sup>, em linha aproximada, sugere que a instabilidade da identidade no mundo pós-moderno requer

---

<sup>31</sup> Birman, J. *O Mal-Estar na Pós-Modernidade*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.

<sup>32</sup> Sennett, R. *O Declínio do Homem Público: As Tirantias da Intimidade*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

<sup>33</sup> Giddens, A. *As Consequências da Pós-Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

que estejamos inevitavelmente envolvidos num “Projeto reflexivo do eu” em relação a uma identidade que estamos procurando construir um presente social, particularmente imediato e transitório. No entanto, o “Projeto reflexivo do eu” e sua transformação em mercadoria constituem a normalidade pós-moderna na sociedade de consumo.

Segundo Baudrillard<sup>34</sup>, na “estética do simulacro”, o corpo privilegiado é, ao contrário, o da aparência e o da superfície na multiplicidade de faces que o mundo contemporâneo propicia.

O paradigma contemporâneo sobre os usos sociais do corpo traz à cena o sistema de poder que autoriza certas representações, enquanto bloqueia, proíbe e invalida outras. O contemporâneo “camaleônico” do “simulacro” faz relação com a estética minimalista do sujeito ameaçado pela desconexão do mundo contemporâneo e o corpo apresenta-se de forma fragmentária, descontrolada, sendo freqüentemente, objeto de mutilações. Sendo assim, expressa-se o caos ameaçador por meio da construção dos “agenciamentos do desejo”<sup>35</sup>...

Observa-se, então, na pós-modernidade, uma instabilidade pela crise da representação e do sujeito pós-moderno, onde o imaginário do corpo é “reinventado” sucessivamente. E quanto à questão da produção de subjetividade, incluindo aí o estatuto do corpo, como dado natural ou construção cultural e suas implicações corporais, a representação ganha força de imagem em relação ao corpo como operador simbólico através de um processo de subjetivação que valoriza a corporeidade e o imaginário do corpo na atualidade.

O que pude perceber em todas as leituras que fiz a respeito dos “Usos Sociais do Corpo” resultou no construto narcísico/hedoniasta, disciplinado pelas regras de estetização geral da sociedade pós-moderna, que pode incidir numa versão redutora do papel do corpo hoje. No estágio atual, a cultura se refere à cultura, a ponto de necessitar recriar a natureza, artificialmente, como forma cultural. No entanto, esta questão do dado natural e do adquirido está no cerne dos desejos e das representações corporais hoje. Dessa forma, o processo de valorização do corpo através dos tempos acompanha, de certa forma, a valorização da imagem de uma época, trazendo para a cena do

---

<sup>34</sup> Baudrillard, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 1996.

<sup>35</sup> Guattari, F., Rolnik, S. *Micropolíticas Cartográficas do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

contemporâneo, o lugar da busca de perfeição através da cega disciplina do “*body building*”, lugar de dilaceramento, de lutas de toda espécie de performance com o “*body-art*”, o “*body modification*”, lugar de alteridade.

Portanto, o corpo com suas estratégias contemporâneas, não é apenas veículo de aparência enganosa, mas lugar de fascínio, sedução, criação de alianças, através de pactos estéticos que celebram o prazer, a criatividade e o humor na cultura do consumo. Com isso, as metamorfoses e a desestabilização sofridas pela representação do corpo face às novas tecnologias terão como referência o imaginário.

A representação do corpo foi eminentemente política, considerando a circulação dos saberes, as formas de sociabilidade e as relações de poder provocando uma revolução do imaginário. Novos processos de subjetivação que, através dos séculos, irão se construir e desconstruir num jogo de controle de si mesmo e do outro, onde se criam discursos sobre a desterritorialização e a perda de referências corporais. É na dinamização deste espaço que ocorre a circulação dos saberes e as relações de poder, implicando numa reflexão sobre a articulação entre o conhecido e o desconhecido, construindo narrativas e intermediações que vão estabelecer as pontes entre o passado e o novo, concebendo novas visões da matéria corporal no processo de subjetivação, reconceituando o corpo no contemporâneo.

Entretanto, esse espaço vai também modelar os corpos e discipliná-los, além de produzir uma ordem para inscrevê-la no corpo de uma sociedade com um discurso ordenador, criador de identidades, pondo em crise os modelos corporais. O que acontece é que, na seqüência temporal, a representação e seu poder entram em crise e rompe-se a diferença, o que repercutirá em re-inscrições corporais. Nessa trajetória, o corpo perde em objetividade, estabilidade, normatividade e as sensações são valorizadas no processo de subjetivação. Estamos vivendo e experimentando na atualidade, o “individualismo de uma cultura de sensações”, no cerne dos desejos e das representações corporais hoje, onde os atuais movimentos de identificação e representação se dão paradoxalmente por meio de transmutação do corpo. Segundo Felix Guattari<sup>36</sup>, a subjetividade não se apresenta mais como coisa em si, ou essência imutável, mas depende de agenciamentos, ou seja, contém componentes heterogêneos, tanto na ordem biológica quanto social,

---

<sup>36</sup> Guattari, F. *Caosmose: Um Novo Paradigma Estético*. Rio de Janeiro: Ed34, 1992.

“maquinica”, gnosiológica ou imaginária. Sendo assim, à medida que se altera o paradigma que orientou a racionalidade moderna, quando o corpo era considerado uma exterioridade a ser controlada, ele assume, lado a lado com as demais instâncias pessoais, interpessoais ou coletivas, seu papel na produção da subjetividade.

Um paradigma estético parece desempenhar-se, produzindo configurações inesperadas. Nesta perspectiva, desconstroem-se os imaginários que foram sendo criados a propósito do corpo, que explicita a interação complexa da corporalidade no contemporâneo, desconstruindo certezas acabadas sobre certas representações já contextualizadas.

Todos esses comentários sobre a literatura foram resultados do exercício que precisei fazer para me aproximar do universo de meu interesse acadêmico que tem como campo um espaço específico: o ambiente próprio de uma cidade praieira que concentra nele um adensamento de atividades de consumo e movimentos de corpos.

A relação entre consumo, identidade e uso social do corpo foi objeto de reflexão de Luc Boltanski<sup>37</sup>. Para ele, a construção das imagens dos modos de vida pós-moderno pode ser vista como uma forma por meio da qual o pluralismo da identidade é administrado por indivíduos e explorados ou organizados pela sociedade de consumo, tendo como exemplo, a relação dos indivíduos com os “Usos Sociais do Corpo”.

---

<sup>37</sup> Boltanski, L. *As Classes Sociais e o Corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.



### **CAPÍTULO III - A CIDADE PRAIEIRA: ESTILO DE VIDA E USOS DO CORPO NA CULTURA CARIOCA**

Com a explosão da imagem, o imaginário invade a vida cotidiana contemporânea. Eclode nesse espaço da cidade, como fluxo afetivo carregado de manifestações estéticas, toda a ordem do sensível, do sensual, do colorido, do dionisíaco, do glamoroso, caracterizando um aspecto não-racional desse espaço em sua dimensão fluída, que é também marca da cultura e lugar de “circulação” de mercadorias diversas. Temos nesse caso a dimensão comunicativa e intersubjetiva dos espaços de lazer da cidade contemporânea.

Essa qualidade comunicacional dos espaços de lazer da cidade se concretiza por uma multiplicidade de redes que engendra a ordem simbólica em canais sutis, mas sólidos. Daí a efervescência de “tribos urbanas”, em centros de interesses bem diversos mas fechadas nelas mesmas. Assim, podemos dizer que as cidades contemporâneas são constituídas por uma série de “espaços de celebração”. Esses “espaços”, por sua vez, apresentam rituais diversificados de ordem ético-estético. São rituais do corpo, do sexo, da imagem, da amizade, do esporte, etc. Os “espaços de celebração” podem ser de diferentes aspectos, isto é, religioso, artístico, lúdico-erótico, consumista, técnico, esportivo, musical, intelectual, político, comemorativo, etc. No entanto é necessário precisar que nesses lugares emblemáticos do cotidiano acontece a sociabilidade das diferentes tribos na cidade.

Nossas cidades contemporâneas podem ser uma justaposição desses “espaços tribais”, em função dos gostos, desejos, necessidades, sem esquecer as exigências de trabalho, lazer e consumo. Podemos achar, a todo momento, um “espaço de celebração”, embora as práticas lúdicas do espaço façam parte da dimensão estética da vida sobre o fato de “viver a arte do cotidiano”, como nos sugere Dumazedier<sup>38</sup>, o que caracteriza a sociabilidade desses espaços de lazer nos dias de hoje.

---

<sup>38</sup> Dumazedier, J. *Sociologia Empírica do Lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

Finalmente, Maffesoli<sup>39</sup> nos define os “espaços de celebração emblemáticos” ou “espaços de celebração cotidianos”, atravessados, intencionalmente ou não, como uma série de paisagens, com diferentes situações, que desenham uma “geografia imaginária”, onde permitem se acomodar ao ambiente físico que é dado e que, ao mesmo tempo, permite a constituição do “eu” simbolicamente. Portanto, é esta viagem imaginária incessante através dos múltiplos espaços que certamente caracteriza a cidade contemporânea e seus espaços de lazer.

Na cidade carioca do Rio de Janeiro o corpo representa um objeto de fascínio e sedução. Com isso, estou tentando fazer uma reflexão breve sobre as representações do corpo no imaginário carioca, a partir da própria cidade. O corpo é um instrumento de consumo e lazer do cotidiano urbano e na visão contemporânea da estética carioca a palavra de ordem é o excesso. Segundo Gianni Vattimo<sup>40</sup>:

*“É esse excesso de informações múltiplas no cotidiano urbano que caracteriza o fim da modernidade; na pós-modernidade, tudo se torna objeto de comunicação. A realidade [...] é o resultado do cruzamento, da contaminação de imagens, das interpretações, das reconstruções múltiplas que a mídia ... distribui”.*

Apesar de a globalização estar presente em todos os momentos da estética do consumo carioca, é possível extrair uma estética própria do conjunto de significados mundiais assumindo o corpo como objeto principal dessas interações urbanas do cotidiano. Trata-se de uma composição de signos globais e locais, logo a propaganda é pensada enquanto argumentos de consumo dentro da cultura carioca e como em qualquer outro tipo de sociedade, também se estabelecem tribos paralelas à orientação global.

O imaginário social produzido pela globalização se traduz numa angústia que tem relação fortíssima com a nossa sociedade planetária e nela, todos os corpos e indumentárias têm lugar, apesar de algumas mais autoritárias, como a do “*body building*”, por exemplo. Nesse sentido, podemos também pensar no que Maffesoli<sup>41</sup> fala

---

<sup>39</sup> Maffesoli, M. O Poder dos Espaços de Celebração. In: Portella, E. (org.). *Homem, Cidade, Natureza*. Vol. 116. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

<sup>40</sup> Vattimo, G. *La Société Transparente*. Paris: Desclé de Brower, 1990.

<sup>41</sup> Maffesoli, M. *No fundo das Aparências*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

da “tribalização” do mundo e dessa efervescência da explosão da “convivialidade” ao mesmo tempo mundial e tribal.

No Rio de Janeiro, o corpo se tribaliza de diversas formas. Tais tribos usam códigos transnacionais como uma demonstração do corpo bastante significativa devido à nossa cultura de balneário. As tribos têm uma intensa relação de consumo com seus corpos. O mundo se transnacionaliza em vários níveis, desde o consumo até as diferentes modalidades diversificadas da informação, produzindo várias paisagens diferenciadas e se fragmenta também em diferentes níveis de descentralização urbana e disfunções sociais. É nesse espaço social que a alteridade se constrói, composta de hegemonias unificadoras e dissolventes.

Ao tentar explicar a questão da “estética do consumo carioca”, podemos afirmar que o Rio de Janeiro se destaca como laboratório da contemporaneidade. Trata-se de uma cidade rica em paradigmas globais e regionais que supervaloriza o corpo sem que isso implique numa obrigatoriedade de se seguir um modelo. Apesar da ditadura do “*body building*”, o Rio de Janeiro recebe bem todas as formas e cores; nesta cidade a exposição do corpo e o contato pele a pele são pontos elementares do cotidiano. Nela, os signos da globalização se ambientam sem dificuldades e se moldam bem às ondas internacionais resguardando sempre suas características de cidade-balneário. Os lugares da moda representam bem o estilo de vida dos cariocas desfrutarem de seus momentos de lazer.

O consumo, como em qualquer outro espaço público contemporâneo, é parte integrante das relações cotidianas; as pessoas compram para comunicar idéias aos outros e o corpo é força prioritária nesse processo. Isto possibilita uma reflexão sobre as representações do corpo no imaginário social carioca a partir da própria cidade, por acreditarmos que sua geografia influencia a relação do povo com os valores estéticos.

O Rio representa bem o fenômeno da globalização durante quase todo o ano, reforçando-o por coexistirem no mesmo espaço social sistemas simbólicos diferenciados e diversificados, onde os comportamentos, em sua maioria, se apresentam de forma já naturalizados. Ninguém se estranha, o corpo do outro faz parte do imaginário social carioca e pode ser de grande valia para a compreensão das novas formas de sociabilidade que se constroem no cotidiano urbano carioca, encontrando-se aí um bom resumo desses valores. O ideário do corpo na estética carioca confere uma

enorme intimidade com a comunicabilidade por parte dos habitantes da cidade. Concordando com Roberto Da Matta<sup>42</sup>, é o corpo do “jeitinho” carioca, da “cordialidade” e da “malandragem” que se espalha pela cidade. Desse modo, a produção de identidades investe no indivíduo e em sua aparência, neste momento de espetacularização e consumo de imagens particularizadas da cultura carioca. Se, por um lado, o corpo surge como local da resistência, não se pode negar que, por outro, cria-se a consciência da ficção de sua concretude. Um corpo múltiplo, feito de intensidades, fragmentos que começa a ser descortinado.

Segundo Marcel Mauss<sup>43</sup>, é por meio da imitação prestigiosa que os indivíduos de cada cultura constroem seus corpos e comportamentos. Um conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura também se refere ao corpo. Assim, há uma construção cultural do corpo, com uma valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo típico de cada sociedade.

No Rio de Janeiro, o “corpo sarado”, aquele que é cuidado, sem marcas indesejáveis, é o único que “desnudo”, está decentemente vestido. Este corpo é que deve ser exposto, moldado, manipulado, trabalhado, adornado, construído, produzido e imitado. É o corpo que entra em cena, a roupa é apenas um acessório da moda para a sua valorização. Nos dias de hoje, um determinado modelo de corpo que tem esse valor é um corpo que se distingue dos demais, como objeto de ascensão social. No Rio de Janeiro, a centralidade que o corpo assume na vida cotidiana é muito mais evidente por causa da cultura praieira. O compromisso e a busca pelo cuidado do corpo tornam-se uma questão central. Logo, o corpo carioca provoca uma verdadeira explosão de significados, é interessante compreender a importância dos usos do corpo carioca para entender sua cultura. Quanto dessa suposição pode ser verificado? Faz parte de um imaginário sobre a cidade com que força persuasiva?

Hoje em dia, o culto ao corpo ganhou uma dimensão social inédita, virou indústria cultural e faz sua difusão generalizada das normas e imagens do ideal estético. A mídia tornou a aparência uma dimensão essencial da identidade para um maior

---

<sup>42</sup> Da Matta, R. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

<sup>43</sup> Mauss, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.

número de indivíduos nas cidades urbanas. Essa busca pela perfeição do corpo constata o poder normatizador dos modelos culturais, através de um desejo maior de conformidade estética que se choca com o ideal individualista, em sua exigência de singularização dos sujeitos na sociedade.

No Rio de Janeiro, o “corpo carioca”, tornou-se um fato social porque é uma construção cultural de um determinado padrão estético, seja nas praias, nas áreas de lazer ao ar livre. A temperatura elevada durante quase o ano inteiro favorece o desnudamento do corpo. O “corpo sarado” surge como marca indicativa de certa virtude superior daquele que o possui. Um corpo coberto de signos distintivos que, mesmo nu, exalta e torna visíveis as diferenças entre grupos sociais.

Numa época em que se observa uma espécie de fragmentação de identidade e de diversificação das referências culturais, de um mundo globalizado, individualizado e pós-moderno, o Rio de Janeiro deve ser analisado como um centro formulador e reformulador de identidades diversas, fluídas e situacionais que formam a identidade carioca. “Imagens idênticas” da cidade, como a frequência à praia e a corporeidade, os modos de vida alternativos e a preocupação com a saúde e “boa-forma”, caracterizam o ciclo sazonal do verão carioca. Dessa forma, as imagens identitárias funcionam como rede de relações significantes, em situações ritualizadas que criam o interesse de diferentes grupos. Essas redes podem ser objetivadas por meio de símbolos e elementos que compõem a aparência corporal. A praia é o lugar de excelência na produção desse corpo idealmente carioca, onde são lugares de invenção de modas e divulgação de estilos de vida alternativos. No Rio, desse modo, se cria a própria imagem identitária, valorizando a individualidade e as aparências corporais.

As percepções e os Usos do Corpo nesta virada de século e suas práticas corporais no contexto das praias cariocas são consideradas adequadas a esse espaço. Porém, a cultura corporal carioca tem normas muito mais rígidas do que se imagina. Tomando como base os cuidados com a aparência e “boa-forma” física, veiculada pela mídia ao longo do ano, pode-se afirmar que existe uma grande preocupação com as atitudes com o corpo. Isto porque o “corpo sarado” é ícone de uma “cultura da malhação”, que classifica, hierarquiza e julga os indivíduos a partir de sua forma física.

É interessante pensar na relação entre o “corpo sarado” e o “corpo saudável”. Pois a busca por um “corpo sarado” funciona para os adeptos do “culto ao corpo”, que

se disciplinam para enquadrar seus corpos aos padrões exigidos de beleza e “boa forma”. Sendo assim, o corpo virou por excelência um “objeto de consumo” e a publicidade produziu o consumo como estilo de vida, ao mesmo tempo em que reproduziu um consumidor intranquilo e insatisfeito com a sua aparência. Com isso, saem ganhando os mercados dos cosméticos, das cirurgias estéticas e das academias de ginástica.

Segundo Pierre Bourdieu<sup>44</sup>, a cultura da beleza e da “boa-forma” física, a partir de determinadas práticas, transforma o corpo “natural” em um corpo “distintivo”. Pois, o corpo é um coberto de signos distintivos. Um corpo que, apesar de aparentemente mais livre por seu maior desnudamento e exposição pública é, na verdade, muito mais constrangido por regras sociais interiorizadas pelos seus portadores.

Nesse sentido, o corpo é um valor que identifica o indivíduo com determinado grupo social e, simultaneamente, o distingue dos outros. Este “corpo sarado” constitui hoje um sinal indicativo de certa virtude humana. Então, o corpo, como as roupas, surge como um símbolo que consagra e torna visível as diferenças entre grupos sociais produzindo certa “distinção”.

---

<sup>44</sup> Bourdieu, P. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. São Paulo: EDUSP, 2009.

### 3.1 A “Praia do Pepê”: Quando o Templo é o Corpo

#### 3.1.1 Histórico



**Foto 1 – Símbolo da “Praia do Pepê”.**

Fonte: Arquivo pessoal do Autor

A “Praia do Pepe” é uma praia da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Estende-se ao longo da “Avenida do Pepê”, próximo ao quebramar, na Barra da Tijuca, zona Oeste da cidade. A praia e a avenida foram assim batizadas em homenagem ao empresário e esportista Pedro Paulo Guise Carneiro Lopes, mais conhecido como Pepê.

Pedro Paulo Guise Carneiro Lopes foi campeão mundial de vôo livre, sexto colocado no *Pipe Masters* do Havaí, campeão carioca de hipismo, e se manteve um bom tempo entre os 20 melhores surfistas do mundo. Começou a *surfar* na década de 70, época em que o surf não era apenas um esporte mas um estilo de vida, no *Pier* e no Arpoador, berço do surf no Brasil, e logo se destacou como um dos melhores e mais simpáticos surfistas do mundo. Tocava guitarra desde os 10 anos e teve uma banda chamada Barão de Itaguaripe. Foi sempre dedicado à família, pai de dois filhos e “bom marido”, segundo depoimento dos que o conheceram. Carioca da gema, amava o Rio de Janeiro. Em uma matéria disse “Cada vez que eu vôo, dou graças a Deus por ser carioca”. Economista e empreendedor, Pepê fundou a “Barraca do Pepê” para suprir a necessidade de atletas, surfistas e voadores, de se alimentarem de forma saudável e natural, logo a “Barraca do Pepê” virou mania e o seu sanduíche sinônimo de alimentação saudável com um estilo genuinamente carioca.

A “Barraca do Pepê” é um quiosque aonde se pode saborear sanduíches naturais,



**Foto 2 – Calçadão e quiosque do Pepê.**

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

salgados integrais, sucos de frutas e açaí, além de outros produtos ligados a um conceito de uma alimentação saudável. A idéia surgiu quando os surfistas e os voadores de asa-delta do Rio de Janeiro sentiram a necessidade de uma alimentação especial, que se adequasse ao seu estilo de vida e que estivesse disponível na

praia. A primeira “Barraca do Pepê” foi aberta em 1981, na Praia do Pepino, no Rio de Janeiro, onde até hoje aterrissam as asas-delta que decolam da Pedra Bonita. O sucesso foi imediato e fez da Barraca uma marca forte na cidade, inaugurando no país um novo modelo de alimentação, essencialmente natural e saudável. Diretamente vinculada ao esportista destacado em diversas modalidades e símbolo da



**Foto 3 – Bicicletário da Praia do Pepê.**

Fonte: Arquivo pessoal do Autor

simpatia carioca, a “Barraca do Pepê” é hoje símbolo de gente saudável e bonita, cartão postal da cidade do Rio de Janeiro.

Com o sucesso conquistado na praia, em 1983, a “Barraca do Pepê” se multiplicou pelos shoppings centers do Rio de Janeiro, levando a um novo público a sensação de estar se alimentando à beira do mar. A equipe está ligada às novas tendências para atender a um segmento marcado por um espírito jovem, saudável e



esportivo. Está preparada para desenvolver um relacionamento dinâmico e profissional, visando difundir por todo o país o conceito de alimentação saudável.

### 3.1.2 Uma Praia e Seus Personagens

O Rio de Janeiro, por suas paisagens exuberantes, e por ser uma “cidade praieira”, é uma academia de ginástica a céu aberto que propicia as práticas sociais relacionadas aos usos do corpo de forma bem peculiar ao ritmo agitado das cidades urbanas. A “Praia do Pepê”, localizada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, na Barra da Tijuca, é um espaço privilegiado das camadas médias urbanas, com grande visibilidade no Rio de



**Foto 4 – Praia do Pepê completamente lotada.**

Fonte: Arquivo pessoal do Autor



**Foto 5 – Futebol dos “Sarados”.**

Fonte: Arquivo pessoal do Autor

estéticas, abarcando toda a ordem do sensual, do colorido, do dionisíaco, do glamuroso, aparece aí, nesse espaço, a “Praia do Pepê”, em sua dimensão fluída, o espaço é também marca de uma cultura que valoriza o corpo e lugar de circulação de mercadorias diversas.

Na “Praia do Pepê”, apresentam-se certos

rituais diversificados, de ordem ético-estético relacionados aos usos do corpo e as práticas sociais que os promovem. São rituais do corpo, da sexualidade, da imagem, da

amizade, do esporte, do consumo, do lazer, etc. É um lugar emblemático do cotidiano da praia, onde acontece a sociabilidade que se caracteriza em função dos gostos, dos desejos, das necessidades, do lúdico, do lazer e do consumo dos indivíduos e grupos que freqüentam esse espaço da praia.

Porém, além das práticas sociais ligadas ao corpo, que estão presentes na “Praia do Pepê”, existe, também, um imaginário social construído em relação ao culto do corpo, que parece ser percebido pela maioria dos indivíduos e grupos que fazem parte desse espaço social.

O que diferencia o espaço da “Praia do Pepê” das demais praias cariocas é justamente, o fato de ser conhecido pela mídia e por seus freqüentadores como o lugar dos “corpos sarados”, adornados, esculpidos, trabalhados, coloridos e belos, que enfeitam essa praia. À exaltação da corporalidade se junta o culto à diversidade de práticas sociais esportivas que ali se desenvolvem. A maioria das pessoas que ali vão freqüenta academias de ginástica ou até mesmo, praticam diversas modalidades de *surf*, tendo como ideologia principal o discurso da “saúde do corpo” e seus cuidados. Entrei no campo munido dessas informações disposto a investigar se, de fato, existe um imaginário social sobre os usos sociais do corpo nesse espaço da “Praia do Pepê”.



**Foto 6 – Estacionamento de motos.**  
Fonte: Arquivo pessoal do Autor

O período de observação na “Praia do Pepê” ocorreu em duas épocas distintas: do dia 05 a 20 de dezembro de 2009 e de 03 a 17 de janeiro de 2010.

Por estar situada próximo ao Condomínio “Jardim Oceânico” da Barra da Tijuca, a “Praia do Pepê” já sustenta uma situação de elite, pois neste condomínio

os prédios não ultrapassam quatro andares por edifício, no modelo de “cidade-jardim”, comportando uma classe média alta, de grande poder aquisitivo. O “Jardim Oceânico” é o centro gastronômico da Barra.



**Foto 7 – Wind-Surf na Praia do Pepê.**

Fonte: Arquivo pessoal do Autor

“Parapentes”, que, além de colorir a praia, não são esportes baratos, muito pelo contrário.

Na areia da praia existe uma grande “alfândega”, com mercadorias diversas de adorno para o corpo, como: chapéus, óculos de sol, biquínis, bijuterias (colares,



**Foto 8 – Parapente na Praia do Pepê.**

Fonte: Arquivo pessoal do Autor

brincos e pulseiras), cangas e vestidos. Tudo parece uma boutique ambulante, ao ar livre, ao sol quente de 40°.



**Foto 9 – Vendedor de óculos na Praia do Pepê.**

Fonte: Arquivo pessoal do Autor





**Foto 10 – Vendedor de redes na Praia do Pepê.**  
Fonte: Arquivo pessoal do Autor



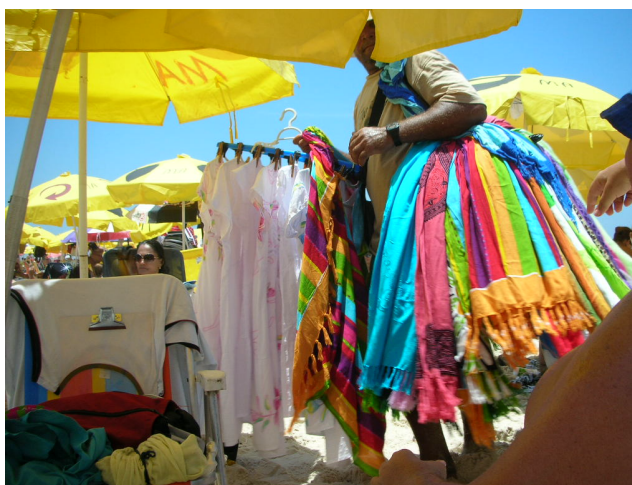
**Foto 11 – Vendedora de bijuterias na Praia do Pepê.**  
Fonte: Arquivo pessoal do Autor



**Foto 12 – Vendedora de vestidos na Praia do Pepê.**  
Fonte: Arquivo pessoal do Autor



**Foto 13 – Vendedora de biquínis na Praia do Pepê.**  
Fonte: Arquivo pessoal do Autor



**Foto 14 – Vendedor de cangas na Praia do Pepê.**  
Fonte: Arquivo pessoal do Autor



**Foto 15 – Vendedor de chapéus na Praia do Pepê.**  
Fonte: Arquivo pessoal do Autor





**Foto 16 – O “Árabe” vendedor de sandwiches na Praia do Pepê.**  
 Fonte: Arquivo pessoal do Autor

Porém, na “Praia do Pepe” as pessoas celebram o convívio, o colorido do verão até o pôr do sol e exibem seus corpos adornados. Como tem muita gente bonita, acontece uma “azaração” discreta tipo “olhar 43”, quando não, uma piscadela de olhos do tipo “*give us a wink!*”, para não se tornar vulgar. Para mim, a “Praia do Pepê” é o lugar da celebração da amizade, da sociabilidade,



**Foto 17 – Pôr do sol na Praia do Pepê.**  
 Fonte: Arquivo pessoal do Autor

dos ritos do corpo e dos simulacros do belo. Existe, no meu ponto de vista, certa “distinção estética” que interfere no gosto, nos costumes, na formação dos hábitos, e de forma midiática forma uma certa opinião pública sobre o lugar.

O conjunto de informações expostas nesta seção reproduz, em sua totalidade, opiniões de senso comum, falas irrefletidas e quase naturalizadas sobre um universo de culto ao corpo, ao belo, ao prazer. Como toda fala de senso comum, também esta é

marcada pela idealização, pasteurização e generalização que exigem análise e depuração. Muitas das fotos colhidas no tempo de trabalho de campo são evidências de assimetria entre a fala generalista e o cotidiano nada excepcional e/ou distinto de outros pontos da região oceânica: corpos não sarados, usuários e banhistas comuns, fora do padrão estético idealizado a nos obrigar ao exercício de um olhar mais desconfiado sobre nosso objeto.

### 3.1.3 Conversando com “Seu Sarney” da Barraquinha de Bebidas na Areia da “Praia do Pepê” (Informante 1)

Seu Sarney está na “Praia do Pepê” há mais de 30 anos com sua barraquinha de bebidas. Nesse verão, por causa das altas temperaturas, ele disse que a praia esteve cheia todos os dias desde as 9:00 até as 20:00 horas. Porém na parte da manhã, costumam ir as famílias e crianças que moram ali perto no bairro e, na parte da tarde, a garotada das academias e as galeras que saem na noite. Isto caracteriza um público bem diversificado, e embora ele diga que a praia é muito bem frequentada – o que para ele se traduz na frequência de artistas, não tem mistura na “Praia do Pepê”. E, com a divulgação do



**Foto 18 – Barraca do “Seu Sarney”.**

Fonte: Arquivo pessoal do Autor

turismo, aumentou a frequência. Para ele, muita gente tem curiosidade de saber o que acontece ali, mas só fica sabendo se for lá.



**3.1.4 Thelma Cécio, Empresária, Presidente da “Lift Brazil” de Marketing Promocional e dona de uma Franquia da “Spoletto”, Casa de Massas, no Centro da Cidade do Rio (Informante 2)**

Para Thelma a “Praia do Pepe” já está bem diferente de antigamente, pois já foi bem mais rígida com essa questão do “culto ao corpo”. Hoje existem pessoas bem diversificadas, que não estão somente ligadas ao “culto ao corpo”. Na “Praia do Pepê”, Thelma é uma espécie de “líder de grupo”, organiza as festas da galera, os passeios, as viagens, reuniões, etc. Com os seus 45 anos bem vividos, Thelma fala que a “Praia do Pepê” é uma grande “festa diurna”, onde as pessoas celebram a amizade, os encontros de final de semana e exercem a sociabilidade. E, nesse aspecto, é muito tranquilo, disse ela: “não tem arrastão, assalto e nem bagunça”. Todos que frequentam a praia se conhecem, nem que seja de vista, porque existe um espaço de regulação entre as pessoas na “Praia do Pepê”, e isso é que favorece o imaginário do “culto ao corpo”, para algumas pessoas que frequentam esse espaço da praia.

### 3.2 Com a Palavra, Os Usuários

#### Quadro Sinóptico das Representações por Categorias

Categoria A (Homem < 35 Anos)

—	<i>Por que vai a “Praia do Pepe”?</i>
	<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>Amigos (amizades)</i></li><li>• <i>Praia selecionada</i></li><li>• <i>Não tem mistura e nem arrastão</i></li><li>• <i>Lugar seguro</i></li><li>• <i>Praia limpa</i></li><li>• <i>Lugar bonito</i></li><li>• <i>Gente bonita</i></li><li>• <i>Se sente bem</i></li><li>• <i>Lugar agradável</i></li><li>• <i>Boa frequência</i></li></ul>
—	<i>A “Praia do Pepê” é o lugar dos “Corpos Sarados”?</i>
	<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>A maioria das pessoas que frequenta cuida do corpo.</i></li><li>• <i>A “Praia do Pepê” é o lugar de ponto de encontro e referência de gente com “Corpos Sarados”</i></li><li>• <i>Frequência de uma “tribo” que cuida do corpo, que vai a academia e pratica esportes</i></li><li>• <i>Todos que frequentam são bonitos; é uma praia diferente das demais.</i></li><li>• <i>Tem muitas pessoas que frequentam que são “bombados”</i></li></ul>

Categoria B (Mulher < 35 Anos)

—	<i>Por que vai a “Praia do Pepe”?</i>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Amigos (amizades)</i></li> <li>• <i>Praia é linda</i></li> <li>• <i>Gente bonita</i></li> <li>• <i>Lugar bonito e agradável</i></li> <li>• <i>Se sente à vontade</i></li> <li>• <i>O grupo que frequenta vai ao Pepê</i></li> <li>• <i>Não tem mistura e nem arrastão</i></li> <li>• <i>Praia selecionada</i></li> <li>• <i>Nível social elevado</i></li> <li>• <i>São sempre as mesmas pessoas</i></li> <li>• <i>Todos se conhecem</i></li> <li>• <i>Tem pessoas solteiras</i></li> <li>• <i>Não tem criança</i></li> <li>• <i>Praia é segura</i></li> </ul>
—	<i>A “Praia do Pepê” é o lugar dos “Corpos Sarados”?</i>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>A maioria das pessoas que freqüentam tem “corpos sarados”.</i></li> <li>• <i>As pessoas frequentam academias e cuidam do corpo.</i></li> <li>• <i>É frequentada por artistas, modelos e pessoas da mídia</i></li> <li>• <i>As pessoas gostam de encontrar gente bonita aqui.</i></li> <li>• <i>Já é moda há muito tempo.</i></li> <li>• <i>É o ponto de encontro de “gente sarada”.</i></li> <li>• <i>Reúne pessoas que cultuam o corpo.</i></li> </ul>

Categoria C (Homem > 35 Anos)

—	<i>Por que vai a “Praia do Pepe”?</i>
	<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>Amigos (amizades)</i></li><li>• <i>Encontrar pessoas conhecidas</i></li><li>• <i>Porque o grupo frequenta</i></li><li>• <i>É “point” de encontros</i></li><li>• <i>É tudo de bom</i></li><li>• <i>Praticar esportes</i></li><li>• <i>Gente bonita</i></li><li>• <i>Mulheres bonitas</i></li></ul>
—	<i>A “Praia do Pepê” é o lugar dos “Corpos Sarados”?</i>
	<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>É ponto de referência de gente bonita</i></li><li>• <i>O Pepê é uma “marca” dos “Corpos Sarados”</i></li><li>• <i>A mídia divulga muito o “Pepê”.</i></li><li>• <i>As pessoas vêm na busca de ver gente bonita.</i></li><li>• <i>As pessoas frequentam academia.</i></li><li>• <i>Acho que é um conceito observado pela mídia.</i></li><li>• <i>É a “praia do corpo”, até pelo próprio “Pepê” que incentivava a prática de esportes.</i></li><li>• <i>Com o “Pepê” foi criada a cultura do corpo.</i></li></ul>

Categoria D (Mulher > 35 Anos)

<p>— <i>Por que vai a “Praia do Pepe”?</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Amigos (amizades)</i></li> <li>• <i>Encontrar pessoas conhecidas</i></li> <li>• <i>Colorido dos parapentes e do kait-surf</i></li> <li>• <i>Gente bonita</i></li> <li>• <i>Lugar agradável e descontraído</i></li> <li>• <i>Grupo frequenta o Pepê</i></li> <li>• <i>Modismo – lugar da moda</i></li> <li>• <i>Conforto e segurança</i></li> <li>• <i>Não tem assalto e nem arrastão</i></li> <li>• <i>O “pôr do sol” é maravilhoso.</i></li> <li>• <i>Praia é linda.</i></li> <li>• <i>Morar perto.</i></li> <li>• <i>Praia selecionada</i></li> <li>• <i>Pessoas inteligentes e intelectualizadas</i></li> <li>• <i>Não existe lugar nenhum igual ao Pepe.</i></li> </ul>
<p>— <i>Por que a “Praia do Pepê” é o lugar dos “Corpos Sarados”?</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Lugar central dos “corpos sarados” da Barra da Tijuca.</i></li> <li>• <i>Modismo onde tudo acontece (festas, paqueras, encontros, etc.).</i></li> <li>• <i>É como se fosse uma “tribo”.</i></li> <li>• <i>Os “corpos sarados” gostam de se exhibir no Pepê.</i></li> <li>• <i>É um lugar formador de opinião pública.</i></li> <li>• <i>Lugar de “Marketing pesado”.</i></li> <li>• <i>Já foi mais agressivo com a questão do corpo, hoje em dia não é tanto.</i></li> <li>• <i>Não há preconceito com quem não cultua o corpo e nem acompanha a moda no Pepê.</i></li> <li>• <i>O “corpo sarado” é a síntese da “Praia do Pepê”.</i></li> <li>• <i>Aqui tem uma identidade e especificidade do “corpo sarado”.</i></li> </ul>

### 3.3 Interpretação dos Resultados

Coincidência ou não, os meus entrevistados, ao serem questionados sobre por que vão a “Praia do Pepê” produziram as mesmas representações em todas as categorias, isto é, falando que a “Praia do Pepê” é um lugar bonito e agradável, seguro por não ter arrastão, seleta e frequentado por uma classe social elitizada e, fundamental, por causa das amizades e dos grupos que frequentam regularmente aquele espaço. Alguns mencionaram a conveniência da “Praia do Pepê” se localizar perto de suas moradias, conveniência e conforto trazidas pela proximidade.

Quando questionados se a “Praia do Pepê” é a praia dos “Corpos Sarados”, a maioria dos meus entrevistados se manifestou dizendo que a “Praia do Pepê” é a síntese do corpo, isto é, que a maioria que frequenta o Pepê cuida do corpo, frequenta academia, pratica outras modalidades de esportes. Mas nem por isso, aquele espaço da praia deixa de ser “democrático”, pois *“não há preconceito com quem não cuida do corpo, todos convivem na mais perfeita harmonia”*, nos afirmou um dos entrevistados. Porém, todas as falas dos entrevistados produziram representações sobre a existência de um *ethos* corporal entre os frequentadores do Pepê. Ou seja, a nenhum dos depoentes foi estranha a associação entre Pepê e cuidado com o corpo, entre Pepê e uma estética específica, entre aquele espaço e a introdução, na cidade, de um conjunto de atributos corporais vinculados à saúde e à beleza.

É importante ressaltar, tomando como referência a fala de um “informante” que na Praia do Pepê: “existe um espaço de regulação entre as pessoas, e isso favorece ao imaginário do “culto ao corpo”, para algumas pessoas que frequentam esse espaço da praia”. Logo, o que acontece de fato é, uma “pseudo-liberdade”, isto é, não é tão democrático assim. Até porque, assumindo a teoria de Bourdieu sobre a “distinção”, provavelmente, se aparecer um “negro” na Praia do Pepê, que não seja o vendedor de picolé ou de mate, ou coisa parecida, irá causar estranhamento na maioria das pessoas que ali frequentam. Na verdade, existe um certo limite de tolerância entre as pessoas que frequentam a praia, dentro desse espaço de regulação da corporalidade, que aponta para uma questão de identidade.

Nas entrevistas realizadas na “Praia do Pepê”, eu sempre pedia aos entrevistados que descrevessem sua visão de realidade e da sociedade na qual estavam inseridos. Percebi logo que a visão do corpo do outro influenciava a percepção que cada indivíduo tinha de seu próprio corpo. Desse modo, procurei compreender a natureza das diferentes representações sociais do corpo na “Praia do Pepê”, o modo como o fato de olhar e aquilo que se vê do corpo são partes integrantes de uma “corporeidade modal” das pessoas entrevistadas, onde o corpo está sujeito aos seus usos cotidianos.

Limitei-me a escutar e reproduzir seus depoimentos, deixando-me conduzir por suas redes sociais. Pude compreender que os modos de produção do corpo são utilizados como forma de manutenção ritualizada do próprio corpo, onde o corpo é individualizado e tem uma importância particular nesse ritual do “culto ao corpo” fazendo parte desse imaginário social da praia por eles frequentada, que aparece de forma que seus corpos são trabalhados por inúmeras técnicas de exercícios físicos, mas também parecem se produzir no sentido de se mostrar, de se colocar “em cena”, para se expor aos olhos dos outros”.

Dessa forma, as interações sociais na “Praia do Pepê” são verdadeiros encontros “corpo a corpo”, pontuados por inúmeros contatos corporais, tanto com o outro quanto com si próprios. Existem aí os primeiros indícios de um discurso uniforme sobre a beleza. Nesse sentido percebi em todos os cenários que o corpo se expõe aos olhares através de um estilo de vida corporal. Um estilo que corresponde à imagem de si mesmo e pelas imagens que se vê dos outros, como se fosse um “espaço de regulação”, caracterizando um espaço da corporeidade, que pode ou não influenciar diretamente as visões individualizadas do mundo, do corpo e da sociedade. Sendo assim, comecei a buscar indícios corporais que me permitissem entender um pouco melhor esses usos sociais do corpo na “Praia do Pepê”, através de um olhar sociológico à moda de Bourdieu e de Boltanski.

Achei interessante, analisar algumas representações produzidas pelos meus entrevistados nas diferentes categorias, para melhor caracterizar o meu processo de compreensão dessas representações.

*“Existe uma diferença em querer estar saudável e querer estar apresentável”.*

*“O ‘feio’ se destaca onde só tem gente bonita”.*

*“É a praia do corpo”.*

*“A mídia divulga que no Pepê só vai gente bonita”.*

*“Se vier no Rio, tem que vir no Pepê para conhecer”.*

*“O Pepê em si é um acontecimento, é como se fosse uma tribo”.*

*“Os ‘corpos sarados’ gostam de se exibir no Pepê”.*

*“O Pepê é formador de opinião pública, é um lugar onde as pessoas fazem um marketing pesado, em todos os sentidos”.*

*“No Pepê existem várias questões em jogo, principalmente o culto ao corpo, a da beleza e a das pessoas que gostam de ‘aparecer’”.*

*“No Pepê não é só corpo bonito, existem pessoas inteligentes, seletas e agradáveis”.*

Porém, ao trabalhar com esse imaginário social denso sobre os Usos do Corpo na “Praia do Pepê” pude perceber que as imagens que são produzidas sobre o corpo veiculadas pela mídia ajudam a compreender a transformação desses usos do corpo nessa classe social privilegiada que frequenta esse espaço da praia. A mídia, por sua vez, apresenta o corpo como um objeto a ser reconstituído, tanto em seus contornos quanto em gênero. Por meio de complexos mecanismos de incorporação de estereótipos corporais, o corpo torna-se, então, uma superfície virtual, um terreno onde são cultivadas identidades sexuais e sociais.

Assim, ao construir o corpo como elemento principal na identidade individual, a aparência, parte visível que a pessoa oferece à percepção sensorial do outro, parece ter um papel determinante nos processos de aquisição de identidade e socialização. Tudo parece fazer parte das interpretações subjetivas da aparência do outro. Certamente, isso explica o fato de, mesmo em seus aspectos mais privados, o corpo ter tendência a ser construído unicamente para ser visto, e também o fato de ser teatralizado ao extremo na “Praia do Pepê”.

As representações estéticas produzidas pelos meus entrevistados são diretamente identificadas ao corpo e incluem elementos ligados à sociabilidade e a seu sucesso, o que enfatiza o caráter instrumental nas interações sociais. Pude perceber que, na “Praia



do Pepê”, não é apenas a beleza em si que constitui o valor fundamental dessa “distinção social”, mas também a energia empregada por cada indivíduo para reconstruir sua aparência. Pois, o que vemos no outro é o controle sobre si mesmo, inscrito no próprio corpo, caracterizando uma relação de alteridade. Nesse contexto, o corpo torna-se símbolo social da pessoa, ao mesmo tempo um fator de individualização e de identificação.

Portanto, ao fazer esta pesquisa, percebi-me envolvido emocional e fisicamente com a busca de significados de diferentes comportamentos corporais, simbólicos e práticos, na medida em que, na “Praia do Pepê”, as imagens do corpo se apresentaram em sua própria capacidade de transmissão de idéias e propriedades de indexação visíveis, através de um olhar que transparece na própria imagem.

Os estudos das representações sociais do corpo na “Praia do Pepê”, ao facilitar a incorporação de outro olhar sobre o corpo, produziram as imagens que uma sociedade escolhe para se apresentar e representar, por uma visão generalizada desse espaço da praia pelos seus freqüentadores.

No entanto, procurei participar plenamente das atividades que desejava estudar, tentando olhar com “objetividade”, sem fazer julgamento de valores, quando estava exercitando a pesquisa no “trabalho de campo” recolhendo impressões de meus entrevistados. Meu olhar se orientou para a cultura corporal que aparece nesse imaginário da “Praia do Pepê” e para os locais que ela ocupa, tentando redescobrir nos “Usos Sociais do Corpo”, bem como o que os frequentadores desse espaço da praia vêem no seu próprio corpo e nos corpos dos outros.

O que pude observar nas declarações dos meus entrevistados sobre o que eles estimam “fotografável”, isto é, delimitam o campo do que aos seus olhos é susceptível de ser constituído esteticamente através da “dialética da distinção”, é o que é esteticamente constituído por um grupo considerado pelas condições sociais de possibilidade dessa disposição estética.

É interessante ressaltar que nos grupos entrevistados por mim, nas diferentes categorias, observei aspectos peculiares que descrevem, em sua especificidade, as características gerais dos entrevistados. Nas categorias C e D, homens e mulheres maiores de 35 anos, foi possível perceber que a maioria dos entrevistados tem uma ocupação profissional sólida, com projetos de vida bem sucedidos, portando uma

excelente condição financeira e bem resolvidos em suas vidas. O detalhe importante é que a maioria cuida do corpo, praticando um tipo preferencial de esporte ou indo à academia, e também, uma preocupação constante em estar bem com o corpo e com a saúde por causa do processo de envelhecimento.

Já nas categorias A e B, homens e mulheres menores de 35 anos, foi possível perceber que a maioria dos entrevistados ainda está em fase de construção de suas vidas e um ou outro está preocupado em cuidar do corpo. Acordam tarde, reclamam dos estudos, alguns do trabalho, gostam de “beber cerveja” e “não estão nem aí para saúde” e, muito menos, pensar em envelhecer. Poucos são bem sucedidos financeiramente. Eu, particularmente, os classifiquei como “juventude tardia”, pela forma como percebi a ausência de um projeto de vida mais solidificado, bem diferente da categoria do grupo mais velho. Porém, ambos os grupos gostam de ir à praia no “Pepê” para ver gente bonita, encontrar com os amigos e afirmam, com unanimidade, que o “Pepe” é a praia dos “corpos sarados”.

Dessa forma, a “grande descoberta” neste estudo de campo sobre a “Praia do Pepê” foi poder observar, segundo meus entrevistados, que as categorias C e D (homem e mulher acima de 35 anos) valorizam o “culto ao corpo” e continuam celebrando sobre forma de ritual a ideologia de “boa forma e saúde” proposta no início da década de 80 pelo próprio Pepê. Isto porque nos anos 90 essas pessoas faziam parte de uma faixa etária mais nova e com o passar dos anos, ao envelhecerem, levam com elas todas essas práticas sociais sobre os usos do corpo, já concebidas naquela época.

Enquanto que nas categorias A e B (homens e mulheres abaixo de 35 anos) vivem uma vida sem se preocupar com o “culto ao corpo” e muito menos com os processos de envelhecimento em relação a saúde e ao corpo. E também, nas décadas de 80 e 90 nem freqüentavam a Praia do Pepê.

Acho importante entender como esse processo de construção do imaginário das categorias C e D se refere aos usos do corpo nos dias de hoje, através da preocupação com a saúde e o envelhecimento, além de possibilitar um “corpo sarado” e apresentável, desde a época de seu precursor, o próprio Pepê. Porém, a cultura de consumo no contemporâneo faz uma falsa promessa de “juventude eterna” dos indivíduos na sociedade, fazendo com que a questão do envelhecimento, assim como a “saúde-doença” se torne um objeto de preocupação para as pessoas que cultuam o corpo

enquanto estilo de vida. Isso faz com que as pessoas neguem a idéia de envelhecimento não só através das atitudes como, também, no pensamento, então, procuram envelhecer de forma saudável, se utilizando de estratégias alternativas nos usos do corpo em suas vidas.

Porém, desses “personagens” da praia, por mim entrevistados, chamou minha atenção alguns aspectos peculiares que posso personificar assim:

- Robert, Categoria A (sexo masculino, menor de 35 anos), empresário, solteiro, cuida do corpo, vai ao Pepê porque a praia é “selecionada” e um lugar seguro, e também, um detalhe que me chamou atenção é que toda vez que ele vai ali tem que “malhar” antes para ficar bem “grande”, senão, não vai a praia. Ele representa uma exceção na categoria de seu grupo.
- Vera Lúcia, Categoria B (sexo feminino, menor de 35 anos), empresária, solteira, diz que só vai ao Pepê para ver gente bonita, que ela não sairia de casa para ver gente feia. E me chamou atenção quando ela relata que no Pepê, por só ter gente bonita, o “feio” se destaca. Porém, ela mesma, não cuida do corpo, é somente uma “voyeur”.
- Antônio, Categoria C (sexo masculino, maior de 35 anos), empresário, solteiro, não cuida do corpo, bebe muita cerveja, costuma ser uma exceção no seu grupo e contraria a todos porque discorda que o Pepê seja a praia dos “corpos sarados” e coloca a culpa na mídia que divulga o espaço da praia do Pepê dessa forma. E ele diz que vai lá assiduamente por causa dos amigos e gosta muito de ir ali.
- Eneida, Categoria D (sexo feminino, maior de 35 anos), empresária, solteira, cuida do corpo e diz que além do Pepê ser um lugar que lhe oferece extremo conforto é também muito seguro, porque ela pode vir cheia de ouro e nada lhe acontece. O que me chamou atenção foi quando ela relata que no Pepê se lança moda, sendo um lugar que forma opinião pública e as pessoas fazem marketing pesado ali, em todos os sentidos. Ela vai à praia de salto alto e diz que é o “luxo”.

- Maria, Categoria D (sexo feminino, maior de 35 anos), médica, solteira, cuida do corpo, ele diz que a “galera tradicional do Pepê” está envelhecendo e, no futuro, os costumes e valores de agora podem mudar, principalmente com essa faixa etária mais jovem que apresenta um outro estilo de vida, que vem atualmente frequentando o Pepê.
- Érica, Categoria D (sexo feminino, maior de 35 anos), professora universitária, solteira, cuida do corpo, ela afirma que no Pepê não existem apenas pessoas fúteis que só cultuam o corpo, também tem pessoas inteligentes, de gabarito e com bom conteúdo de conhecimento para se conhecer e manter amizade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar sobre os “Usos Sociais do Corpo” preocupei-me em pensar sobre que modelo de corpo tem prestígio em nossa cultura, e qual o corpo desejado por todos que cultuam o corpo. Na verdade, o corpo é a “imagem de uma sociedade” e, através dele, podemos chegar a uma descrição da cultura de um determinado lugar. O corpo é uma questão central na “construção da identidade”. Estudar os usos sociais do corpo e as práticas sociais que o promovem nos ajuda a compreender como o imaginário social de uma época é produzido e, também, a importância que este corpo adquiriu para determinados segmentos sociais. Hoje, o culto ao corpo se tornou uma verdadeira obsessão, transformou-se em um estilo de vida.

Embora a pesquisa tenha apontando para os autores Bourdieu e Boltanski, no campo da “sociologia do corpo e das emoções”, é importante ressaltar que os outros autores citados são relevantes na medida em que contribuem com suas diferentes teorizações, muitas das vezes de forma controversa, em relação às teorias dos autores principais eleitos no desenvolvimento da pesquisa.

Ao interpretar as falas dos meus entrevistados, pude notar quanto a “Praia do Pepê” produz uma espécie de “distinção” imaginária em relação a outros lugares das praias cariocas, sugerindo a existência de certa “identidade” e “especificidade” das pessoas que frequentam esse espaço da praia. Tomando como referência Pierre Bordieu<sup>45</sup>, em seu conceito sobre a “dialética da distinção”, como princípio da transformação permanente dos gostos, é possível dizer que nesse processo estão engajadas as disposições fundamentais do estilo de vida que se caracterizam em sistemas de princípios estéticos explícitos, num “jogo de recursos”, excluindo uma preferência em favor de outras. Bourdieu insiste em dizer que, para as diferentes classes sociais, este princípio da “distinção” constitui os objetos e os modos de representação legítimos de certas realidades a serem representadas. Assim, essa disposição estética se enraíza nas condições de existência particulares, a mais distintiva de um estilo de vida que define sua “arte de viver”...

---

<sup>45</sup> Bourdieu, P. A Distinção: Crítica Social do Julgamento. São Paulo: EDUSP, 2009.

Segundo Bourdieu<sup>46</sup>, a disposição estética é uma dimensão de um estilo de vida e não pode ser adquirida senão sob certas condições econômicas as quais tornam possíveis a experiência escolar e a suspensão das necessidades e urgência que ela pressupõe e realiza. Logo, o conhecimento das características pertinentes à condição econômica e social só permite compreender ou prever a posição de tal indivíduo ou grupo no espaço dos estilos de vida, através das práticas em que se manifesta sua distinção como: esportes, jogos, distrações culturais, etc. Isto porque, estão na unidade originariamente sintética do “*habitus*”, princípio unificador e gerador de todas as práticas, e também constitutivo dos gostos, que se encontra relegado à ordem do necessário, do evidente, pelo aparecimento de novos consumos, mais raros e, portanto, mais “distintivos”.

As diferentes posições no espaço social correspondem a estilos de vida que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. Bourdieu<sup>47</sup> traduz tal idéia com um operador prático, o conceito de “*habitus*” - sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é o produto e a correspondência que se observa entre o espaço das disposições sociais e o espaço dos estilos de vida, gerando, por sua vez, as distinções simbólicas. Isto resulta no fato de que os grupos geralmente investem internamente em tudo o que os opõe aos outros grupos, onde se exprime sua identidade, ou seja, sua diferença.

Sendo assim, a cultura de consumo produziu rupturas nas representações contemporâneas, dando sentido à reflexão e à experiência pós-moderna. É no conflito de “necessidades” que se explora a relação social entre a vida privada e as instituições públicas, produzindo a reprodução cultural e construindo o que muitos autores denominam “novas identidades”. Porém, ao consumirmos rotineiramente, construímos identidades e relações sociais, a partir de recursos sociais com os quais nos envolvemos como agentes sociais qualificados.

O consumo tem se tornado um meio cada vez mais evidenciado de exercermos nossa cidadania no mundo social. As lutas pelo poder tornam-se fundamentais para a

---

<sup>46</sup> Bourdieu, P. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. São Paulo: EDUSP, 2009.

<sup>47</sup> Idem.

reprodução cultural do mundo cotidiano. Disputa-se neste espaço a relação entre a nossa privacidade e o poder de dispor de nossa vida sobre quem somos. É por isso que se pode sugerir que a cultura do consumo é uma história de luta pelo cotidiano, em parte porque ela nos liga ao campo social da ética. Os objetos do consumo são sempre culturalmente significativos e foram usados em todas as épocas para reproduzir culturalmente identidades sociais.

No entanto, a “cultura de consumo” representa a destruição de uma ordem social tradicional e cotidiana pelas relações industriais e capitalistas tornando a identidade social das pessoas instável e fluída, produzindo uma sensação de estranhamento, sentido dentro da prática social no contemporâneo. O caráter significativo dos bens penetra na reprodução cultural da identidade, da participação, do *status* e da ideologia sociais. Sendo assim, a cultura de consumo é um meio privilegiado para negociar a identidade e o *status* numa sociedade pós-moderna.

Quem consome o que, como e onde acaba sinalizando o estilo, o jeito de ser, o acesso que os sujeitos podem ter, ou, pelo contrário o acesso interditado a outros sujeitos. Nesse sentido, os bens sempre podem significar identidade social, mas nos processos fluidos de uma sociedade moderna, a identidade parece ser mais uma função do consumo do que o contrário, como parecia indicar. A cultura de consumo trata basicamente da negociação de *status* e da identidade. A regulamentação dessas questões pela tradição é substituída por negociação e elaboração, e os bens do consumo são fundamentais para a forma de constituir nossa aparência social, nossas redes sociais como modo de vida, grupo de *status*, etc. e estruturas de valor social.

Porém, é sobre o corpo que se acumula toda uma série de práticas e de discursos. Na realidade, o corpo é o lugar dos discursos socioculturais contemporâneos, um corpo do qual não se fala a não ser que ele manifeste desejos e necessidades aceitos e codificados pela sociedade. Um corpo idealizado e perfeito, capaz de comunicar os valores da sociedade contemporânea.

Apesar de o corpo parecer fortemente valorizado, as aparências não podem ocultar a depreciação de sua materialidade e a neutralização de sua realidade. Existe hoje um verdadeiro projeto de construção e manifestação do corpo que visa recriá-lo segundo as regras do mercado, recusando e culpabilizando ao mesmo tempo os corpos que se afastam e se diferenciam dos modelos propostos pela sociedade de consumo.

Nesse sentido, um conjunto de técnicas sociais opera sobre o corpo a fim de transformá-lo. O corpo se define por um conjunto de práticas sociais, o que faz do corpo um campo de controle prático na cultura contemporânea. Portanto, o corpo é apresentado como um objeto a construir segundo um modelo, como revelador de nossa personalidade, como a imagem que os outros encontram e escolhem. Sabemos quantos esforços os indivíduos fazem para modificar seus corpos e adquirir assim, características exigidas hoje pela sociedade.

A imagem ideal do corpo que se procura em geral atingir muitas vezes não é nada mais do que a imagem cultural que supostamente devemos aceitar. O modelo do corpo ideal tem a pretensão de impor-se aos agentes morais que, deste modo, se tornam escravos desse ideal. Os julgamentos morais ligados às imagens culturais contemporâneas os impedem de depreender-se realmente deste ideal. A mídia procura convencer-nos de que sendo sensatos e obedientes, isto é, domesticando nosso corpo, poderemos obter nossos presentes que são o sucesso, o poder, o amor, e a felicidade...

Infelizmente no caso da história do corpo perfeito, essa promessa é inatingível, porque esse corpo não existe e a gratificação pela construção dessa imagem, também, nunca é possível. A cultura de nosso tempo e a tecnociência por ela produzida, e que também a produz, responsabiliza os indivíduos pelos cuidados de si e enfatiza a todo momento que somos o resultado de nossas opções e também, responsáveis por nós mesmos, pelo nosso corpo, saúde e beleza que temos ou deixamos de ter. Essa implicação está fundada na “individualização das aparências” que, segundo Maffesoli<sup>48</sup>, produzida a partir da valorização por vezes exacerbada da imagem transformada em performance, leva os indivíduos a perceber que o corpo é o local primeiro da identidade.

Temos então, na pós-modernidade, um corpo investido de práticas discursivas disciplinares. Tais práticas se constituem as formas de identificação dos indivíduos na sociedade de consumo, sendo a um só tempo reveladoras de um eu próprio, e também, de um corpo partilhado semelhante e similar a uma infinidade de outros corpos produzidos como produto de nosso tempo e nossa cultura, operando, simultaneamente, no coletivo e no individual. Com isso, a discussão em torno da questão do pós-moderno assinala a

---

<sup>48</sup> Maffesoli, M. *No Fundo das Aparências*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 1996.



discordância sobre a multiplicidade dos seus sentidos, levando em consideração a crise da representação.

Na verdade, busca-se delinear uma cartografia do imaginário corporal diretamente afetado pelas novas tecnologias através da “espetacularização” do mundo, via imagem, e também pela desreferenciação e fragmentação do sujeito. Desse modo, o espaço da cultura é descrito como ameaçador e o espaço urbano é adjetivado como falso, enquanto a natureza é sentida como reforço da identidade, como lugar de revelação para o indivíduo.

O corpo, como já fiz menção mais de uma vez, é construído na encruzilhada de discursos, instituições e corporeidade, entre natureza e cultura, indivíduo e sociedade, internalidade e externalidade, privado e público, real e irreal. Logo, instala-se uma busca de controle e sentido através das revoluções advindas das novas tecnologias e seus desdobramentos nos diversos campos do saber. A reflexão sobre a questão corporal, seu controle e sua representação, ocorrem através de mecanismos de abstração, de funcionamento ou de insignificação, que cresce hoje em importância. Desse modo, o corpo parece insistir com seu próprio discurso contra o pensamento filosófico cartesiano e insiste contra todos os discursos normalizadores provenientes do campo médico, jurídico, artístico, etc. No entanto, essa insistência adquire contornos violentos em numerosas manifestações contemporâneas.

Finalmente, ao se pretender entender o corpo enquanto ficção de uma totalidade individual já dada, ou seja, até como uma realidade inventada, pondo em crise a ficção corporal e ficando apenas com as diversas imagens proporcionadas por essas diversificadas técnicas novas utilizadas no corpo, observou-se o que transparece é uma perplexidade sobre o sentir. No mundo das velocidades e dos fluxos de subjetividade, ocorrerá a remodelação dos corpos através das manipulações genéticas, quando as cirurgias estéticas se tornarão comuns, implicando em uma ruptura de filiação, tornando a performance do sujeito uma luta contra o inexorável, o pragmático e a natureza. Tal fenômeno comportamental da cultura pós-moderna é característico da desconstrução efetuada em relação aos pares dicotômicos que ancoravam as categorias identitárias do sujeito e seu corpo. Isto vem problematizar as fronteiras entre os sexos, confundindo as identidades, provocando verdadeiras revoluções nos conceitos de natureza e cultura.

Nesse sentido, é nesse espaço de alteridade, ponte entre o olhar do eu e do outro, que se cria sobre o corpo e o imaginário do corpo. Desse modo, torna-se clara a idéia de se querer fabricar não um estereótipo sobre o corpo, mas um arquétipo como potência de atualizações. Então, poderemos refletir através da construção de paradigmas sobre o corpo na pós-modernidade a relação especular narcísica do sujeito em nossa cultura contemporânea que tem como finalidade recriar ou reinventar o corpo neste intervalo, onde se vão produzir novas cartografias, configurações ou identidades no imaginário social, em busca de uma subjetividade original, criativa, potencial e desterritorializada. Sendo assim, poderemos perguntar: Será o corpo uma “reinvenção” da pós-modernidade?

## BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, A. (org.). *Representando a alteridade*. Rio de Janeiro; Vozes, 1998.
- BAUDRILARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 1996.
- BIRMAN, J. *O Mal-Estar na Pós-Modernidade*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.
- BOLTANSKI, L. *As Classes Sociais e o Corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- BOURDIEU, P. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. São Paulo: EDUSP, 2009.
- BOURDIEU, P. In. ORTIZ, R. *Grandes Cientistas Sociais*. Vol. 39. São Paulo: Ática, 1994.
- BRANDÃO, C.R. (org.) *Repensando a Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CANCLINI, G.N. *Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- CORBIN, A., COURTINE, J.J., VIGARELLO, G. (orgs.). *História do Corpo: As Mutações do Olhar. O Século XX*. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 2008.
- DA MATTA, R. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DOUGLAS, M. *Pureza e Perigo*. Lisboa: Edições Setenta, 1991.
- DUMAZEDIER, J. *Sociologia Empírica do Lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- ELIAS, N. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. Vol. I.
- FEATHERSTONE, M. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 2002.
- FOUCAULT, M. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- GIDDENS, A. *As Consequências da Pós-Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

- GOLDEMBERG, M. (org.). *O Corpo como Capital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.
- GUATTARRI, F. *Caosmose: Um Novo Paradigma Estético*. Rio de Janeiro: Ed34, 1992.
- GUATTARRI, F., ROLNIK, S. *Micropolíticas Cartográficas do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DPeA, 2000.
- JAMESON, F. *Pós-Modernismo ou Lógica do Capitalismo Tardio*. São Paulo: Ática, 1996.
- JODELET, D. (org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- LACAN, J. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- LASCH, C. *A Cultura do Narcisismo*. São Paulo: Papirus, 1994.
- LE BRETON, D. *A Sociologia do Corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- LEAL, O.F. (org.). *Corpo e Significado: Ensaios de Antropologia Social*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.
- LOURO, G.L. (org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 2005.
- LYOTARD, J.F. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998.
- MAFFESOLI, M. *No Fundo das Aparências*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 1996.
- MAFFESOLI, M. O Poder dos Espaços de Celebração. In: Portella, E. (org.). *Homem, Cidade, Natureza*. Vol. 116. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- MARZANO-PARIZOLI, M.M. *Pensar o Corpo*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 2004.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.
- MINAYO, M.C.S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- SENNETT, R. *Carne e Pedra: O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental*. Rio de Janeiro: Recvord, 2006.

- SENNETT, R. *O Declínio do Homem Público: As Tirantias da Intimidade*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.
- SILVA, T.T. *Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 2000.
- SLATER, D. *Cultura do Consumo e Modernidade*. São Paulo: Nobel, 2002.
- SPINK, M.J. (org.). *O Conhecimento do Cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SPINK, M.J. (org.). *Práticas Cotidianas e a Normalização da Desigualdade*. São Paulo: Cortez, 2005.
- SPINK, M.J. (org.). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2000.
- THIOLLENT, M. *Crítica Metodológica: Investigação Social e Enquete Operária*. São Paulo: Polis, 1987.
- VATTIMO, G. *La Société Transparente*. Paris: Desclé de Brower, 1990.
- VILLAÇA, N. (org.). *Em Nome do Corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- VILLAÇA, N. et alli. *Que Corpo é Esse?* Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

## **REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS**

Rio Guia Oficial – O Guia Oficial da Cidade do Rio de Janeiro.

Disponível em [www.rio.rj.gov.br/riotur](http://www.rio.rj.gov.br/riotur).

Brasil Viagem

Disponível em [www.brasilviagem.com/pontur](http://www.brasilviagem.com/pontur)

## **ANEXO 1**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

### I. Dados Pessoais

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Bairro onde reside:

Ocupação:

Estado Civil:

---

### II - Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

### III - Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?
- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?



**ANEXO 2**

**ENTREVISTAS REALIZADAS NA “PRAIA DO PEPE”**

I.      Dados Pessoais

Nome:            Robert

Idade:            < 35 anos

Escolaridade: Administração (3º Grau)

Bairro onde reside: Santa Tereza

Ocupação:            Empresário

Estado Civil:           Solteiro

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?

Por causa dos meus amigos, é uma praia selecionada, não tem mistura, nem arrastão, o lugar é seguro. A praia é linda e limpa. Só tem gente bonita e me sinto bem aqui.

- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?

Acho sim, porque se eu não malho antes de ir ao “Pepe” eu não vou à praia. A maioria das pessoas que freqüentam cuidam do corpo. Eu gosto de estar “bem grande” quando vou à praia.

CATEGORIA A      SEXO MASCULINO      < 35 ANOS

I.      Dados Pessoais

Nome:            Alex

Idade:            < 35 anos

Escolaridade: 2º Grau

Bairro onde reside: Flamengo

Ocupação:            Hair Designer

Estado Civil:            Casado

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?

Público selecionado, praia bonita, facilidade para estacionar, praia limpa, lugar conceituado.

- Fala-se muito que aqui, no “Pepe”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?

Concordo, só tem gente “bombada”, lugar de referência deles e ponto de encontro. Existe gente sarada e também que não se enquadra nessa versão, mas a maioria tem corpos sarados.

I.      Dados Pessoais

Nome:            Anel

Idade:            < 35 anos

Escolaridade: 3º Grau (Direito)

Bairro onde reside: Barra da Tijuca

Ocupação:            Empresário

Estado Civil:           Solteiro

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?

Praia limpa, encontro os amigos, lugar agradável.

- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?

Concordo, aqui se formou uma “tribo” que se cuida, que frequenta academia, pratica esporte, ponto de referência da galera sarada.

CATEGORIA A      SEXO MASCULINO      < 35 ANOS

I.      Dados Pessoais

Nome:              Júnior

Idade:             < 35 anos

Escolaridade: 1º Grau

Bairro onde reside: Freguesia

Ocupação:              Cabeleireiro

Estado Civil:            Casado

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?

Gosto da praia, programa grátis, tem uma boa frequência, artista, modelo, mulheres bonitas, praia selecionada, não tem bagunça.

- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?

Concordo, porque todos que freqüentam são bonitos, é uma praia diferente das demais. O fundamental é a frequência. Parece um outro lugar no Rio de Janeiro, “sem mistura”.

CATEGORIA A      SEXO MASCULINO      < 35 ANOS

I.      Dados Pessoais

Nome:            Marcos

Idade:            < 35 anos

Escolaridade: 2º Grau

Bairro onde reside:    São Paulo (visita aos amigos)

Ocupação:            Hair Designer

Estado Civil:           Casado

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?

Público seleta, mulheres bonitas, por causa dos amigos, cerveja gelada, praia limpa.

- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?

Concordo, a maioria das pessoas que freqüentam cuidam do corpo, fazem academia, tem uns que são “bombados”.

I.      Dados Pessoais

Nome:            Paula

Idade:            < 35 anos

Escolaridade: 3º Grau (Turismo)

Bairro onde reside:    Niterói

Ocupação:            Autônoma

Estado Civil:           Solteira

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?

Porque a praia é linda, porque tem gente bonita, meus amigos freqüentam.

- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?

Concordo, porque a maioria das pessoas que freqüentam aqui tem corpos sarados, porque freqüentam academia, cuidam do corpo, que as pessoas são bonitas, a praia é freqüentada por artistas, modelos, pessoas que estão na mídia. Existe uma diferença em querer estar saudável e querer estar apresentável.

I.      Dados Pessoais

Nome:            Aline

Idade:            < 35 anos

Escolaridade: 3º Grau (Administração)

Bairro onde reside: Barra da Tijuca

Ocupação:            Secretária Executiva

Estado Civil:           Solteira

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?
- Por causa dos amigos e ver gente bonita. Se sente a vontade, o lugar é muito bonito e agradável.
- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?
- Concordo, a maioria das pessoas que freqüentam o “Pepe”, tem os corpos sarados, e essas pessoas gostam de encontrar gente bonita, também já é moda a muito tempo. É um “point” de encontro. Existe uma classe social elitizada além dos corpos sarados que frequentam aqui. Não é 100% sarado não, tem gente bonita e gente que não se enquadra nesse critério de beleza. Mas é ponto de encontro de gente “sarada”.



I.      Dados Pessoais

Nome:            Vanessa  
Idade:            < 35 anos  
Escolaridade: 3º Grau (Médica)  
Bairro onde reside: Barra da Tijuca  
Ocupação:           Médica  
Estado Civil:           Solteira

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?  
Só por causa dos amigos e do grupo que frequenta.
- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?  
Concordo, porque já vem de longa data, a praia começou a ter esse perfil, esse grupo de pessoas que cultua o corpo começou a se reunir aqui.

I.      Dados Pessoais

Nome:            Vera Lúcia

Idade:           < 35 anos

Escolaridade: 3º Grau (Informática)

Bairro onde reside:    Recreio dos Bandeirantes

Ocupação:            Empresária

Estado Civil:           Solteira

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?

Porque tem gente bonita, não tem mistura, é selecionada, sem mistura, nível social elevado. São sempre as mesmas pessoas, “todos se conhecem de alguma forma”, tem mais solteiro, não tem criança enchendo o saco, incomodando, a praia é segura, sem arrastão.

- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?

Concordo, porque as pessoas que vivem em academias e cultuam o corpo freqüentam aqui. É o ponto de referência deles, de grupos de academia. Não é só isso, o “feio” se destaca onde só tem gente bonita.

I.      Dados Pessoais

Nome:            Thaís

Idade:            < 35 anos

Escolaridade: 3º Grau (Arquiteta)

Bairro onde reside: Barra da Tijuca

Ocupação:            Construção Civil

Estado Civil:           Solteira

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?

Mais próximo de casa, o lugar é agradável, gosta muito, tem amigos no “Pepe” e a praia é linda.

- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?

Concordo, a maioria das pessoas que frequentam estão preocupadas em cuidar do corpo. Também tem muita gente bonita.

CATEGORIA C      SEXO MASCULINO      > 35 ANOS

I.      Dados Pessoais

Nome:            Marx

Idade:            > 35 anos

Escolaridade: 3º Grau (Direito – Pós-Graduado)

Bairro onde reside: Barra da Tijuca

Ocupação:            Delegado da Polícia Civil

Estado Civil:           Solteiro

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?

Ver amigos e conhecidos. Impossível não encontrar alguém.

- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?

Não é só, também é de ambos os sexos. Criou fama, é um point e já é a marca do “Pepê”, encontrar gente bonita é fato.

CATEGORIA C      SEXO MASCULINO      > 35 ANOS

I.      Dados Pessoais

Nome:            Henry

Idade:            > 35 anos

Escolaridade: 3º Grau (Arquiteto e Engenheiro)

Bairro onde reside:    Tijuca

Ocupação:            Construção Civil

Estado Civil:           Casado

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?

Por causa da galera, do pessoal conhecido, porque é o point.

- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?

Acho que sim, porque a mídia divulga que no “Pepe” só vai gente bonita (homem e mulher) e as pessoas vem até aqui em busca disso, ver gente bonita.

CATEGORIA C      SEXO MASCULINO      > 35 ANOS

I.      Dados Pessoais

Nome:              Roberto  
Idade:              > 35 anos  
Escolaridade: Oficial da Marinha  
Bairro onde reside: Barra da Tijuca  
Ocupação:              Marinha Mercante  
Estado Civil:              Solteiro

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?  
  
Porque é tudo bom, encontrar os amigos, visual, jogar vôlei, tênis, pessoas bonitas.
- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?  
  
Concordo, porque é freqüentado pelas pessoas que freqüentam academia de ginástica, é um point de referência há muitos anos. “Se vier no Rio, tem que vir no ‘Pepê’ para conhecer”.

CATEGORIA C      SEXO MASCULINO      > 35 ANOS

I.      Dados Pessoais

Nome:            Antônio

Idade:           > 35 anos

Escolaridade: 3º Grau (Educação Física)

Bairro onde reside:    Tijuca

Ocupação:            Empresário

Estado Civil:           Solteiro

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?

Porque a pessoa que gosto está aqui. Ver os amigos.

- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?

Discordo do conceito, apesar de eu ser um freqüentador assíduo da praia do “Pepê”, eu não me vejo nessa categoria de corpo sarado, assim como o meu grupo de amigos, acho que esse é um conceito observado pela mídia e por aqueles que não vão sempre ao “Pepe”.

I.      Dados Pessoais

Nome:            Rodrigo  
Idade:            > 35 anos  
Escolaridade: 3º Grau (Economista)  
Bairro onde reside: Barra da Tijuca  
Ocupação:            Empresário  
Estado Civil:           Solteiro

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?  
Encontrar com amigos e olhar a mulherada.
- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?  
  
Acho que sim, é a praia do corpo, até pelo próprio “Pepe”, que já incentivava o esporte, com ele criou a cultura do corpo.



I.      Dados Pessoais

Nome:            Tânia

Idade:            > 35 anos

Escolaridade: 3º Grau (Letras)

Bairro onde reside: Barra da Tijuca

Ocupação:            Professora

Estado Civil:            Separada

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?

Grupo de amigos (encontros) e permanece até hoje, e o grupo foi aumentando.

- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?

O lugar central dos corpos mais sarados da Barra da Tijuca é o “Pepê”. O “Pepe” é onde está o modismo da Barra da Tijuca, é onde acontece tudo (festas, lugares da moda, etc.). O “Pepe” em si é um acontecimento, é como se fosse uma “tribo”.

I.      Dados Pessoais

Nome:            Isabel

Idade:            > 35 anos

Escolaridade: 3º Grau (Administração)

Bairro onde reside:    Largo do Machado

Ocupação:            Funcionária Pública do TJ

Estado Civil:           Solteira

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?

Colorido dos Parapents e do Kait Surf. Perfeita harmonia das pessoas bonitas, Clima descontraído e agradável, grupos de amigos de várias pessoas de diferentes faixas etárias. A “Praia do Pepe” é moda há mais de 20 anos.

- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?

Concordo bastante, porque quem tem os corpos sarados gostam de se exhibir no “Pepe”.

I.      Dados Pessoais

Nome:            Eneida

Idade:            > 35 anos

Escolaridade: 3º Grau (Administradora)

Bairro onde reside: Barra da Tijuca

Ocupação:            Empresária

Estado Civil:           Solteira

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?

Porque tem estacionamento fácil. Atendimento de bebida, cadeira, barraca fácil e confortável. O por do sol é maravilhoso e não tem assalto e arrastão, Possi vir cheia de ouro que nada me acontece.

- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?

Não o “Pepe” inteiro, só uma parte do “Pepe” que cultua o corpo, em torno de 80%. Esse paradigma de culto ao corpo já foi quebrado. É o lugar que tem modismo, lança moda e é pioneiro no verão do Rio. Mas não há preconceito para quem não acompanha a moda e não cultua o corpo. O “Pepe” é formador de opinião pública, é um lugar onde as pessoas fazem um marketing pesado, em todos os sentidos (comida, roupas, produtos, o próprio marketing pessoal, etc.).

I.      Dados Pessoais

Nome:            Maria

Idade:            > 35 anos

Escolaridade: 3º Grau (Médica)

Bairro onde reside: Barra da Tijuca

Ocupação:            Médica

Estado Civil:           Solteira

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?

É o lugar mais agradável, os amigos freqüentam, é o lugar mais bonito da Barra da Tijuca, além de morar perto.

- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?

Há a maior concentração dos corpos sarados. A “Praia do Pepe”, já foi mais agressiva com a questão do corpo, porque as pessoas envelheceram. Eu já venho ao “Pepe” há 16 anos e continuo a vir.

I.      Dados Pessoais

Nome:              Érika

Idade:              > 35 anos

Escolaridade: Mestra em Ecologia Social

Bairro onde reside: Barra da Tijuca

Ocupação:              Professora Universitária

Estado Civil:              Solteira

---

II -      Apresentação do Entrevistador

- “Meu nome é Marcelo, sou estudante de Mestrado na FGV-Rio – CPDOC, estou desenvolvendo um trabalho sobre ‘Os Usos Sociais do Corpo’ e pretendo pesquisar esse espaço da ‘Praia do Pepê’”.

---

III -      Perguntas da Pesquisa

- Porque você vem à praia aqui, no “Pepê”?

Praia é limpa, próxima de casa, por causa dos amigos, grupos seletos, pessoas inteligentes, grupos intelectualizados. No Pepe existem várias questões em jogo, principalmente a do culto ao corpo, a da beleza e a das pessoas que gostam de “aparecer”. No “Pepê” não é só corpo bonito”, existem pessoas inteligentes, seletas e agradáveis.

- Fala-se muito que aqui, no “Pepê”, é o lugar dos “corpos sarados”. O que você acha disso? Como você vê isso?

O corpo sarado é a síntese da “Praia do Pepe”. Não existe lugar nenhum aqui no Rio de Janeiro igual ao “Pepe”. Aqui tem uma identidade de gente bonita, corpos sarados, é uma especificidade da praia do “Pepe”. No “Pepê” não tem só pessoas fúteis e vazias que só vivem pensando no corpo.